

Enquanto o Sol Teima em Brilhar

Ana Santana B. Farias



Ana Santana B. Farias

Presidente da República **Michel Temer**
Ministro da Educação **José Mendonça Bezerra Filho**
Secretário de Educação Profissional e Tecnológica **Eline Neves Braga Nascimento**

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Rio Grande do Norte**

Reitor **Wyllys Abel Farkatt Tabosa**
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação **Marcio Adriano de Azevedo**
Coordenadora da Editora do IFRN **Darlyne Fontes Virginio**
Conselho Editorial **André Luiz Calado de Araújo**
Dante Henrique Moura
Jerônimo Pereira dos Santos
José Yvan Pereira Leite
Maria da Conceição de Almeida
Samir Cristino de Souza
Valdenildo Pedro da Silva

Todos os direitos reservados

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha elaborada pela Seção de Processamento Técnico da Biblioteca Sebastião
Fernandes do Campus Natal Central do IFRN.

F224e Farias, Ana Santana B.
Enquanto o sol teima em brilhar. / Ana Santana B. Farias – Natal:
IFRN, 2016.
110 p. il

ISBN 978-85-8333-217-6

1. Literatura norte-rio-grandense – Romance. 2. Literatura regional nordestina. 3. Literatura infanto-juvenil. 4. Literatura – Sertão nordestino. I. Título.

CDU 82(813.2)-3vt1

DIAGRAMAÇÃO

Edson Ícaro Bezerra de Oliveira (estagiário)

CAPA

Assis Costa

ILUSTRAÇÃO

Ana Karla Farias

REVISÃO LINGÜÍSTICA

Pedro Henrique Grizotti

Edrisi Fernandes

CONTATOS

Editora do IFRN

Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.

CEP: 59015-300

Natal-RN. Fone: (84) 4005-0763

Email: editora@ifrn.edu.br

APRESENTAÇÃO

por Edrisi Fernandes

Enquanto o Sol Teimar em Brilhar, de Ana Santana B. Farias, tem muitos traços de um “romance de formação” (do alemão Bildungsroman), um tipo de livro mais profundo que normalmente parece ser. Focado num protagonista jovem, essa modalidade de obra literária mostra as mudanças de personagens na sua formação ou na transição para a idade adulta. Todos nós (inclusive os romancistas) já passamos ou passaremos pelos múltiplos dilemas dessa transição. A intenção literária é mostrar como pode ser difícil, desafiador e mesmo aterrador, sair da infância ou adolescência e “crescer”, chegar à idade adulta, colocando nossas crenças, sentimentos, expectativas e valores em cheque.

Acredita-se que o termo Bildungsroman tenha sido empregado pela primeira vez pelo professor de filologia clássica Karl Morgenstern, que numa ocasião posterior explicou ter usado a expressão “romance de formação” “sobretudo devido ao seu conteúdo, porque ela representa a formação do protagonista em seu início e trajetória em direção a um grau determinado de perfectibilidade”, acrescentando que “como obra de tendência mais geral e mais abrangente da bela formação do homem sobressai-se (...) Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister [1795-1796], de Goethe”. O autor narra as aventuras do jovem Wilhelm Meister, filho de comerciantes. Contrariando as expectativas dos pais, que pretendem que ele dê continuidade aos negócios da família, ele resolve juntar-se a um grupo de atores itinerantes. Numa sequência de encontros, ligações amorosas, viagens e aventuras, Meister convive com os tipos humanos mais diversos, percorrendo uma trajetória cheia de grandes mudanças, traçando um magnífico painel da sociedade de então. Outros “romances de formação” clássicos são David Copperfield (1849-1950), de Charles Dickens, e As Aventuras de Huckleberry Finn (1884), de Mark Twain. David Copperfield, como outros romances de Dickens, narra a vida do personagem título desde a infância até a idade adulta; suas vivências nos ajudam a entender o que era crescer na Inglaterra em meio aos efeitos da Revolução Industrial e do ambiente social gerado por ele. As Aventuras de Huckleberry Finn é um relato das muitas aventuras do protagonista e do seu melhor amigo, Tom Sawyer, pelo rio Mississippi, e mostra como a amizade pode por vezes ser a única chave para a salvação das pessoas. Como exemplos brasileiros de “romances de formação” podemos recordar O Ateneu (1888), de Raul Pompéia, Memórias Sentimentais de João

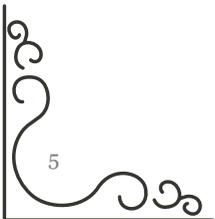
Miramar (1924), de Oswald de Andrade, Clarissa (1933), de Érico Veríssimo, Perto do Coração Selvagem (1943), de Clarice Lispector; no contexto nordestino, destacamos Doidinho (1933) e O Moleque Ricardo (1935), de José Lins do Rego, Jubiabá, de Jorge Amado (1935), As Três Marias (1939), de Raquel de Queiroz, Infância (1945), de Graciliano Ramos, e Big Jato (2012), de Xico Sá.

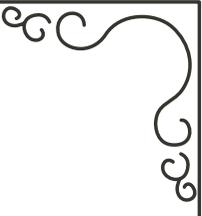
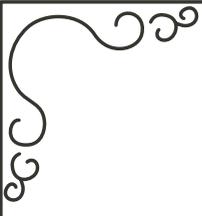
Em sua Teoria do Romance de 1916, György Lukács propôs que o Wilhelm Meister de Goethe deve ser chamado de “romance de educação”, por mostrar a instrução do protagonista no “equilíbrio entre a ação e a contemplação, entre a vontade de intervir eficazmente no mundo e a aptidão receptora em relação a este”. A professora da UNESP Wilma Patrícia M. D. Maas fala desse tipo de romance como a “possibilidade literária da reconciliação [ideal] entre indivíduo [‘problemático’] e realidade social, a síntese entre a subjetividade da história individual e o sentido épico da história coletiva”. A obra de Ana Santana tem a peculiaridade de ser um “romance de educação” que é “romance de formação” de dois personagens espelhados, uma menina do sertão nordestino (Ana Laura) e um monge português exilado (o Irmão Joaquim). Tal recurso especular permite, na habilidosa trama da autora, mostrar o “crescimento” paralelo desses dois indivíduos, aprender sobre suas biografias individuais e propor um entendimento das vivências e do sentido da vida no sertão nordestino e da vida de memórias, saudade e desafios que se tem no exílio (do Ir. Joaquim; da enigmática Dona Hannah). Esses personagens modelares vivem, junto a seus familiares, amigos e companheiros (incluindo o jumento Campeão, que dá impressão de ter algum parentesco com o burrinho Platero, de Juan Ramón Jiménez), a rica experiência de mostrar que ninguém é tão pobre (como Zequinha) que não tenha o que dar, ou tão rico que não precise acolher algo mais (como o Dr. Monteiro, que precisou morrer para conseguir voar), em termos culturais mas principalmente em aprendizagem sentimental e da experiência de partilhar da apreensão do mundo através dos sentidos do(s) outro(s), inclusive aqueles abertos à realidade mágica das mulheres que dormem no fundo dos açudes que esperam água.

Os títulos dos capítulos de Enquanto o Sol Teimar em Brilhar já dão uma boa ideia do talento da autora; demonstram grande capacidade de síntese e muita sensibilidade poética. A poesia aqui não é a dos versos, mas aquela da própria vida, que teima em perseverar apesar da seca ou de outras formas de violência (natural ou humana), e que insiste em traduzir a magnífica beleza das coisas simples, como o bater de asas de uma borboleta azul ou o poder mágico da flor do mandacaru, preciosa como a

palavra pode ser nas páginas dos bons livros, ou nos ensinamentos orais dos mais sábios.

Tenho a impressão de que se eu disser mais estarei privando o leitor da experiência de descobrir por si mesmo o tesouro escondido na botija das imagens deste livro, e de percorrer com Ana Laura o caminho que leva ao alto da Serra da Cigarra, donde se enxerga um mundo onde o respeito e a amizade ao próximo ainda se difundem com o brilho forte dos raios do sol.





AGRADECIMENTOS

“À noite, pedi a um velho sábio que me contasse todos os segredos do Universo. Ele murmurou lentamente em meu ouvido: - Isto não se pode dizer, isto se aprende.” Rumi

Os frutos doces da gratidão são merecidos às raízes do meu ser: ao meu avô (in memoriam) e aos meus pais que, como sábios sertanejos, me ensinaram a amar todos os segredos enigmáticos do místico Seridó; ao meu amado esposo Fabiano que me mostrou a impossibilidade de se medir o nosso amor, porque este é inteiramente incomensurável; à minha heroína confidente Ana Karla, que nunca parte de mim, porque somos feitas do mesmo tecido de sonhos e a todos os meus irmãos de alma que, tal como retrata a canção L'amitié de Françoise Hardy, vieram das nuvens e logo fizeram da amizade a mais bela das quatro estações.



SUMÁRIO

PRIMEIRO: O encontro	8
SEGUNDO: A revelação	14
TERCEIRO: Nasce Ana Laura de La Mancha	18
QUARTO: O desaparecimento das melancias	25
QUINTO: A grandeza da fé sertaneja	32
SEXTO: A omissão é a causa de muitos males	36
SÉTIMO: O desconhecido é o pai de todas as lendas	42
OITAVO: Um achado na perda	48
NONO: O estar em mim	55
DÉCIMO: A redenção em forma de palavra	61
DÉCIMO PRIMEIRO: Com os pés no chão e o lápis na mão	76
DÉCIMO SEGUNDO: A visitante aguardada	82
EPÍLOGO:	88



PRIMEIRO CAPÍTULO: O ENCONTRO

Olhos inquietos, devotados para o caminhar das horas, Ana Laura, com suas mil andanças em casa, já tinha espiado o portão de entrada. Ela estava angustiada, queria muito que o seu pai regressasse do trabalho logo. Ela até já o imaginara, descendo do seu cavalo alado, com sua armadura brilhante, tal qual viu numa gravura do livro da escola e com um olhar seguro, desses que enfrentam dragões sem nem pestanejar. Era isso, não pestanejar... Ana Laura amava o pai pela confiança que ele lhe inspirava e, por igual razão, maldizia todo aquele que ousasse ir contra esse seu amor comovente. A mãe dela, rodeada por seus pensamentos bandoleiros, costumeiramente decretava:

- Essa moleca é capaz de matar um pelo pai!

Quando, certa vez, Dona Severina caçou o sapato gasto que o pai de Ana Laura usava, a menina logo começou uma discussão, impondo que a visão de Dona Severina era no mínimo deformada. E assim, a menina falara disso durante dias e infintos dias, a tal ponto que quando avistava aquela jovem senhora, de imediato afirmava:

- Eita! Lá vem a Dona Severina, com aquele olho de coruja cega!

No Sertão, os nomes próprios saem sozinhos pelas bocas. Não costumam nascer acompanhados de qualquer apêndice, a não ser que se criem codinomes ou apelidos, ou pior: ferrenhas antipatias, e estas ficam evidenciadas quando os artigos definidos antecedem os nomes. Seu Andrade, o avô de Ana Laura, era um homem de chapéu e vestes brancas, que já possuía fazenda e muitas cabeças de gado, lá pelas bandas do Brejo, mas com o ciclo impiedoso das secas o seu sorriso, que antes ostentava uma dentadura de ouro, cedera lugar para um tímido par de olhos profundos. Agora, as mãos de Seu Andrade manuseavam a enxada na feitura massacrante do tijolo artesanal nas terras de um senhor de engenho ambicioso.

Dos tempos dourados do passado, restaram somente o chapéu acima da cabeça, uma caneta e um caderninho de anotações que sempre carregava no bolso, apesar de não conhecer as letras. Ele mantinha isso como se pudesse agarrar-se a algum resquício de orgulho, como se não consentisse com a morte dos costumes que somente gente graúda da sua época nutria. Foi então por isso que Seu Andrade gerou no seu peito uma única inimizade na vida: não engolia bem a figura de Seu Inácio, dono da bodega estabelecida naquelas redondezas. Desde que ele zombara da tradição de Seu Andrade de andar apegado àquela cadernetinha de contas, Seu Inácio passou a ser chamado de O tal do Inácio. Assim, apesar de seus 9 anos, Ana Laura já interiorizara esse velho hábito sertanejo e, por isso, era simplesmente impensável que A Dona Severina voltasse à outra condição respeitável de Dona Severina.

Pela janela, Ana Laura olhou novamente para o portão. Observou logo acima a Serra da Cigarra, onde achava que havia pequenos seres que nunca trabalhavam, apenas cantavam como a estória que ela ouvira da professora na semana passada. Logo abaixo, via-se o Rio Mulungu, com suas águas cristalinas, apesar das margens quase secas, cobertas por um cinza advindo da vegetação sedenta de chuva. De repente, uma ventania empurrou fortemente o portão e virou o vaso da planta ao avesso; a menina permanecia imóvel na janela, enquanto o sol insistia em dar chicotadas no seu rosto.

Foi quando ela notou um homem, já velho, com uma maleta no braço esquerdo, no meio da estrada de terra batida. Ele, cercado por aquele redemoinho, se apoiava numa antiga árvore de cajarana; parecia ser até um mago, com aquelas vestes pretas e compridas. Aproveitando-

se da distração da mãe, que tentava fechar as portas de casa, pelejando em vão contra aquela ventania, Ana Laura pulou a janela e, acelerando o passo numa carreira, conseguia já ver, agora a poucos metros de distância, o velho homem, que nos seus pensamentos tratava-se certamente de um feiticeiro ou de um mago, trazido por Deus para atender a prece mais pedida por todos da sua região: a chegada da chuva.

A menina viu a resignação estampada na face daquele homem de cabelos cor de algodão. Ele pronunciava de forma quase inaudível um canto ou uma reza que eram desconhecidos aos ouvidos comuns. Por instantes, espantada, Ana Laura assistiu aquele estranho senhor, de jeito proeminente, conformar-se em meio às peripécias do vento. Ele não anunciava em seus gestos o intento de sequer fugir dali, nem tampouco principiava relutar contra aquilo. Seguia ali cabisbaixo como se padecesse de irrealidade. Logo em seguida, a criança dera três passos, esticando a mão como se fosse salvá-lo de um precipício ao dizer:

- Vem cá moço! O vento é forte!

Em seguida, o velho, olhando para aquela mãozinha estendida, deu-se conta da menina pela primeira vez:

- Perdão, mas eu não poderia!

Nesse momento, a mãe de Ana Laura, já com seus olhos ávidos pela filha, urge em ir buscá-la:

- Chega menina; pra casa! Avie! Passe pra dentro!

Ao ver que a criança permanecia estática na sua frente, o senhor, num gesto ligeiro, pegou-a no colo e em disparada, entregou a menina a sua mãe, balbuciando com sotaque estrangeiro:

- É muita ousadia minha, mas, por favor, deixa-me também entrar!

O olhar de Dona Rita para aquele desconhecido causara um impacto em suas recordações. Ela, num súbito, se agarrou as histórias que sua avó contava sobre um velho homem que fora impiedosamente assassinado no passado apenas por pregar a palavra de Deus num arraial distante, lá pelos lados da Bahia. Sem querer fazer desfeita, a jovem senhora pausadamente respondeu com ar firme:

- Ôxe! Pode entrar! A casa não é minha, mas a boca é!

Na verdade, a pequena casa, onde Ana Laura vivia, ficava na propriedade do Coronel Feitosa, que apesar da patente nunca colocara os pés num quartel. Ele era dono de vastos campos de algodão que se estendiam por toda a sua Fazenda Recanto e de um assombrado açude velho, onde a água de tão rasa só servia para os animais. Lá na Fazenda, todos os

trabalhadores contratados para a lida se acomodavam nas casinhas construídas pelo Coronel e recebiam como pagamento a metade de tudo que conseguissem colher naquelas terras. Assim, o pai de Ana Laura, chamado Seu Lins, por ser apanhador de algodão da Fazenda, morava desde o último inverno naquela casa. Ele passava seus dias nos campos, junto às vazantes, regressando apenas à boca da noite, quando seus sacos estivessem inteiramente entupidos por capuchos de algodão.

- Obrigado! – disse ele quando, já sentado num banco do alpendre, observava o chacoalhar do vento em meio àquela paisagem cinzenta de pequenas árvores pálidas e retorcidas.

Dali a vista impressionava; conseguia ver o pequeno povoado, com suas plantações de algodão, cercado por uma serra imperiosa e por um rio largo que, em suas margens secas, abrigava pequenas casas austeras e uma bela capela em estilo colonial, feita em honra a Santa Ana. Enquanto o velho estranho apaziguava a alma em seus íntimos pensamentos, Ana Laura aperreava a mãe. Fazia isso porque queria teimosamente que o visitante adentrasse a casa, para que assim pudesse sabatiná-lo esmiuçadamente, saciando desse modo a sua farta curiosidade. Para ver-se livre de tamanha insistência, Dona Rita achou por bem chamar o sujeito:

- Entre Senhor! O almoço logo vai tá pronto! A menina quer à fina força lhe aperrear!

Diante daquela ordem revestida de chamamento, o velho se apegou a um desejo que há tempos inundava seus pensamentos. Não sabia bem o porquê disso, ou será que sabia? Era a vontade de regressar ao ponto determinante de sua vida, aquele responsável por construí-lo, por moldá-lo, capaz de fazer dele a sua essência, o que ele era então. Quando olhava o seu rosto no espelho, o homem não via mais a sua imagem refletida. Eram ali pares de olhos assustados, um rosto esguio e um gosto na boca que a imagem não revelava. Não era doce nem amargo, era somente insípido. Talvez isso acontecesse porque aquele estranho não cabia mais no mundo, não cabia nem nas pessoas, nem mesmo dentro de si próprio. Nessas horas, ele gostava de se imaginar então enfrentando o frio das manhãs, ao acordar cedo, para colher azeitonas nas imensas oliveiras que dominavam as terras do seu pai no noroeste de Portugal.

- Posso ajudar? - indagou a menina baixinho.

O misterioso homem quis hesitar, mas não resistiu ao olhar daquela criança e, como se dando por vencido, entrou na casa. Viu um cômodo maior, que parecia ser a cozinha, uns poucos tamboretos, um

pote num recanto escuro com um suporte de copos acima, uma mesa de madeira parecida com a do mosteiro em que vivera e um fogão a lenha, que contrastava com a brancura das paredes pintadas não à tinta e sim por uma substância que ele não identificava, talvez fosse a cal. Contudo, o que ele mais estranhou fora ver carnes penduradas igual roupa em varal.

- Venha! Almoce com a gente! – disse Dona Rita.

- Sinto-me constrangido com tua generosidade! Que Deus os recompense! – respondeu o visitante.

- O senhor não é daqui, não! Vem de onde? Tem família aqui no vilarejo? – interrogou a mulher.

O homem, entendendo a curiosidade daquela jovem mãe, respondeu logo:

- Eu realmente não sou daqui, sou... sou um monge beneditino, chamo-me Irmão Joaquim e venho de um país distante para conhecer as necessidades dessa região.

- Ave Maria! Um padre estrangeiro na minha casa! - reagiu perplexa Dona Rita.

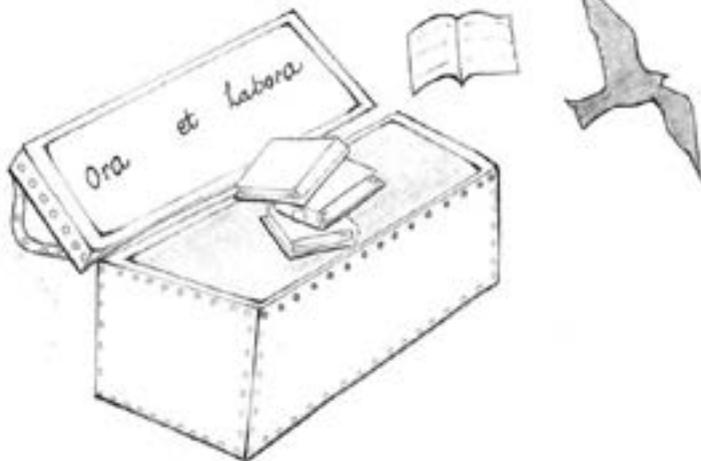
A fala cativante de Dona Rita fez com que o monge sentisse como se o tempo não tivesse passado. Ele estava aos poucos tentando se nutrir daquela região tão seca, cheia de formações rochosas. Já era bem perceptível para ele que aquele vilarejo, cravado nos confins do mundo, precisava do plantio de esperanças e de atos de boa vontade.

Logo, o monge imaginou que não poderia perder tempo; antes mesmo do início da construção de uma biblioteca, o estranho homem cuidaria de ajeitar um canto de leitura para crianças, onde os livros não fossem mais tão raros quanto era a chuva naquelas redondezas. Embora estivesse ali há poucas horas, o monge percebia de vista a carência de mais escolas e de boas bibliotecas. Ele notou que os moradores dali aprendiam com os ensinamentos dos mais velhos. A tradição era quase que exclusivamente oral. De quando em quando, parece que se reuniam em grupos e o mais ancião deles contava umas tantas estórias. Desde as primeiras gerações até as crianças, poucos conheciam as letras. Saber ler por aqui é quase coisa de gente graúda, de doutor, pensou.

Contudo, apesar dos tantos afazeres, o monge não conseguia esquecer sua terra natal, o silêncio revigorante do mosteiro e a imensa biblioteca central. Afora isso, também seus devaneios sempre se afugentavam para os seus últimos minutos lá. Aqueles momentos de condenação,

vividos no seu país distante. A recriminação dos outros, a sensação de vergonha, o olhar de julgamento... Isso tudo vagava nos seus sonhos inquietos em forma de terríveis pesadelos. É tão frágil a honra de um homem que um único ato é capaz de sepultá-la por toda a vida? Por que ele não foi capaz de realizar aquele ato de bravura? Por que não conseguira estender a mão para o seu único irmão? Ainda se lembrava do pedido sentencioso que sua mãe, todas as noites antes de entoar a canção de ninar, aos dois filhos exigia:

- Miúdos: eu quero vê-los sempre unidos. Um tem de apoiar o outro pelas estradas da vida!



SEGUNDO CAPÍTULO: A REVELAÇÃO

Irritada por repetir a pergunta, Dona Rita enfatiza a prosa, já achando que o monge sofria de alguma surdez:

- O senhor é ou não da terra de Dona Hannah? Ela também veio de muito longe, fala meio engraçado, mal sai de casa. Mas é uma boa pessoa, diz até que aqui é o lugar de refúgio de Deus.

- Creio que não. Nasci na Província do Minho. Sou, como tu disseste, um estrangeiro, mas aqui não venho em vão. Fui designado pelo meu abade para construir uma humilde biblioteca, já que pelos relatos passados de alguns irmãos, aqui não há nada parecido – explicou já cansado o velho monge.

- Padre, posso estudar lá? Queria muito ver essa tal biblioteca! - atreveu-se Ana Laura.

- Ô menina sem jeito! Tenha modos! Que eu saiba essa biblio... biblioteca num deve ser pra todo mundo - adiantou-se Dona Rita.

- Senhora! Que nada te perturbe! Sim, a pequena compreendeu bem! Nossa missão é assistir todos, ansiando curar as chagas da ignorância que carregamos em nossas almas.

Ouvindo isso, Ana Laura ficou contemplativa. Ela parecia estar encantada como se visse o desfilar de uma melodia revigorante, que logo se mostrava à sua frente. E assim apresentaram-se a ela diferentes pala-

vras de desconhecidos idiomas, saídas de um mundo de histórias fabulosas que era aberto pelo seu monge feiticeiro. Deixou então o seu olhar passear por aquele frenesi e, erguendo-se lentamente, dirigiu-se ao mago para finalmente interrogá-lo:

- Essa maleta bonita é sua? Tem o quê nela?

O Irmão Joaquim sorrindo declarou:

- Esta criança parece ser atenta!

Dona Rita parecia se contorcer ao ouvir as sucessivas e cada vez mais audaciosas perguntas que sua filha fazia ao monge, sem que ele hesitasse em respondê-las. Meio encabulada com a desenvoltura da filha, ela sabia em seu íntimo que deveria se acostumar com o jeito ativo da menina, até porque Ana Laura carregava em si o desconcertante sentimento de buscar teimosamente o novo. Continuou o monge:

- Vê! Esta maleta está repleta de livros! Então já tens a crucial medida para amar a sabedoria: ser curiosa para vislumbrar o mundo, para questionar o que se pensa ser sempre petrificado! O mundo do conhecimento é tal qual tesouro escondido, é preciso ter o ímpeto de ir em sua busca para achá-lo. Penso que já encontrei o meu companheiro de aventuras.

A partir daí, o velho monge resolveu apelidar de forma carinhosa sua nova amiga e assim disse:

- E então Ana Laura de La Mancha, aceitas seguir esse atrapalhado Sancho Pança por esses campos?

A menina logo percebeu que uma marcha de palavras jorrava na sua frente, vinda daqueles coloridos livros que, de instante em instante, emanavam ordens para serem lidos. De fio em fio, sílabas soltas formavam palavras e orações. Aos poucos, elas iam compondo um tapete cheio de brilho vibrante. Emaranhavam-se tanto que ganhavam significados, sentidos até chegar a um cheiro de vida.

Surpreendida pela fala do velho monge, Dona Rita, com olhos incendiados, correu lá do oitão, quase deixando cair o pano de prato que por costume levava nos seus ombros, para questionar a oferta:

- Num sei se o pai dela vai deixar isso não! Até porque eu também tenho medo dessas coisas de mexer com botija.

- Botija! Não, isso não, senhora! - disse o padre entre risos.

- O tesouro escondido ao qual me refiro é o conhecimento! Deixa-me ser franco: para que tua pequena e outras crianças tenham mais

acesso às letras, irei de imediato tentar providenciar uma pequena sala de estudos com livros diversos no salão da capela de Santa Ana, onde me hospedarei até o término da minha missão.

- Assim tá certo, Padre! Vou só ver com o pai dela, mas ele vai achar bom. Ele sabe que os estudos são tudo na vida da pessoa.

“Eu quero lhe dar a minha botija” Dona Rita se lembrou dos seus tempos de meninice, quando certa vez o velho Dr. Monteiro, o mais rico fazendeiro do Brejo, aparecera depois de morto a ela em forma de borboleta. Era noite, numa casinha cercada por juazeiros, à luz de lamparina, Dona Rita já dormia em sua rede, longe da cama da mãe. De súbito, ela sentira um estremecimento nos pés; quando se virou de lado para se ajeitar, viu aquela enorme borboleta azul pousando no seu lençol. Dona Rita então sem pensar afugentou com a mão, espantando o bicho para outro lado. Nesse instante, ela começou a esfregar os olhos, pensando ser miragem o que estava vendo: a borboleta se transformara no velho Monteiro que, sentado de cócoras perto de um pote, balbuciou:

- Eu quero lhe dar a minha botija. Embora suas pernas estivessem travadas, Dona Rita abriu bem a boca e num grito agudo pediu à mãe que a socorresse. Eis que nesse momento a alma desapareceu, sem deixar nem rastro de cinza.

Quando no outro dia o sol nasceu, chegaram logo notícias de que a vizinha da casa ao lado, chamada Zulmira, viajara às pressas para visitar um parente distante, pegando o primeiro carro de boi que passava na hora. Ninguém nunca mais soube dela, mas muitos contam que ela fugira dali porque tinha recebido a botija que Dona Rita dispensou.

- A conversa tá boa, mas vamos comer porque o almoço tá pronto faz tempo! Arrudeie pelo outro lado que a mesa é logo em frente! – ordenou Dona Rita, enquanto pensava no seu esposo, que mais uma vez não almoçaria em casa, em razão da pesada colheita do algodão.

Ao passar os olhos pela mesa, o monge assustou-se com tanta comida; ali havia um arroz cremoso meio avermelhado, que parecia à vista arroz doce, muitas batatas doces, um feijão de cor acentuadamente verde e uma tigela grande de carne. Dona Rita, percebendo a feição do padre, logo o alertou:

- É tudo simples, não sei se o Senhor Padre vai gostar. Mas todos falam que o meu arroz de leite é o melhor da vila e que a nossa carne de sol

também não tem parêa - dizendo isso, Dona Rita já impunha ao monge que seria uma desfeita ele não saborear os pratos da casa.

Compreendendo aquela ordem, o monge aceitou de bom grado provar o farto almoço oferecido pela família, porém manteve-se firme no propósito de não se deixar tentar pela carne, preferindo provar um peixe de água doce comum da região, chamado curimatã. Saciado, Irmão Joaquim agradeceu pela generosidade em convidá-lo, já que ele era apenas, à primeira vista, um desconhecido que passava pela estrada em frente à casa. Passados tantos minutos, ele pediu logo licença para se ausentar. Fazia isso porque ansiava ir de imediato procurar o outro padre do vilarejo, para tentar ainda hoje iniciar os seus trabalhos.

- Aguardo-te então na santa capela, Ana Laura de La Mancha! Daqui a poucas horas chegará um baú cheio do mais valioso tesouro! – disse o sábio monge.

O acaso havia encenado a vida de Ana Laura. Ela, com isso, ficara eufórica, emaranhada num longo estado reflexivo. O que teria nesse baú? Seria algum tipo de achado raro? E o que era essa tal de La Mancha? Tais eram algumas das muitas indagações que nasciam a cada minuto na cabeça daquela pequena. Quem sabe o destino a tornaria uma pirata a navegar pelos mais imensos rios?



TERCEIRO CAPÍTULO: NASCE ANA LAURA DE LA MANCHA.

Era fim de tarde. O sol teimava ainda no céu quando Seu Lins voltou para casa com uma companhia inusitada. Ele estava com a fisionomia caída, rosto pálido, como se suas forças tivessem se esgotado. Desejava agora por um sono pesado, desses que começam sem o dever de findar. Contudo, ele continuava preso pela convicção, herdada dos seus pais, de que dormir é verbo conjugado pelos desocupados. Por causa disso, acordava habitualmente às 4 horas da madrugada, mesmo que não tivesse trabalho nesse dia, pois achava feio dar-se ao luxo de dormir até tarde da manhã. Ao subir o batente da casa, Seu Lins avistara logo sua menina correndo apressada ao seu encontro.

- Papai, trouxe o quê pra mim? - questionou a criança como todos os dias fazia.

- Ainda não tá vendo! Olhe lá pra fora! - sorrindo disse o pai.

Ana Laura permaneceu em pé em frente do seu pai, tentando em vão ordenar seus pensamentos, sem conseguir acreditar nos seus olhos.

- Num gostou não foi? Vá lá, moleca, brincar com o bicho! – disse Seu Lins em tom imperativo.

Quando correu, a menina chegou logo perto de um pequeno jumento, que seu pai havia encontrado no caminho para casa, e subindo numa pedrinha ela começou a acariciar as imensas orelhas compridas do animal. Foi então que notou um movimento estranho do jumentinho, como se ele tivesse dado uma certa piscadinha para ela.

- Paaapai! Pai! - gritou Ana Laura.

-Diga, minha filha! - respondeu o pai, já descalçando os sapatos surrados no banco do alpendre.

- O jumento piscou o olho pra mim! - contou assustada.

Seu Lins não se conteve e soltou uma gargalhada, como sempre acontecia quando ouvia as invenções da filha.

- Ninguém acredita em mim! - disse a criança chateada.

- Vem aqui pra perto do pai! – ordenou cansado.

Como de costume, Seu Lins sentou a filha no colo e, cheirando seus cabelos, começou a prender a atenção da menina, que não desviava o olho do animal. Contou o homem que quando já tinha encerrado o trabalho, levando assim seus sacos todos cheios de algodão para a pesagem, viu no caminho para casa um jumento, com as costas à mostra e pouca pelagem, amarrado num cercado, em meio ao causticante sol, como se o tivessem abandonado à própria sorte. Se aproximara mais e logo percebera que o bicho estava fatigado, com a língua de fora, como se não visse água há dias. Foi então que para salvá-lo tentou soltar o pobre jumento do cercado, pois queria levá-lo ao açude velho da Fazenda, que ficava a poucos metros dali. Mas como a corda não desatava, achou por bem ir sozinho ao reservatório e lá haveria de achar algum recipiente que servisse para trazer a bendita água. Tão logo chegou ao açude, caçou tudo que era coisa, mas nada prestava para o intento.

Quando Seu Lins já estava quase desistindo, ouviu uma voz sussurrando: “chapéu”. De súbito, pensou que tivesse ficado meio doido, igual como o filho da parteira. Andou mais alguns passos e de novo escutou a misteriosa voz: “chapéu”. Como não queria contrariar o além, Seu Lins acabou por aceitar o misterioso desígnio. Ele de pronto encheu o seu chapéu com água até o topo, calculando que a maior parte se derramaria no meio do caminho e, assim quase correndo, levou-a para o jumento, que já sentindo uma voraz sede, dessas de fazer arder a garganta, bebeu tudo apressadamente, faltando por pouco engolir também o chapéu. O homem

fez logo o mesmo percurso e assim, perdendo a conta das quantas idas e vindas, conseguiu salvar a vida do animal. Querendo interromper a conversa, Dona Rita, já com a lamparina acesa, chama os dois para jantarem, antes que a comida toda esfriasse.

- Homem, venha logo que a janta se perde!

Seu Lins levantou-se e, segurando a filha nos braços, deu um beijo caloroso na esposa. Ele sabia que o caminhar pedregoso dos dias só se abrandava, porque tivera a sorte de ser o escolhido de Dona Rita. Tal cena acompanharia a vida de Ana Laura como revelação do significado de felicidade.

A noite veio leve e se estendeu no horizonte, como se procurasse confortar os feridos e apaziguar os exaltados. Os grilos já cantavam quando a família Lins finalmente saiu para o terreiro. A lua estava vigorosa, iluminando o alpendre e as mangueiras do oitão. Dona Rita deixou a lamparina em cima da mesa e, suspirando, sentou-se aliviada num tamborete para aproveitar aquele raro momento do dia de descanso, longe dos afazeres da casa e da insaciável máquina de costura. A menina não desapegava do pai. Foram os dois ajeitar um lugar de dormida para o animal, que relinchava alto, parecendo grato por ter, depois de tantas andanças, encontrado um decente lar para viver.

- Papai, escolhi o nome dele! - revelou a criança.

- Eita! Diga logo pro seu pai!

- O nome dele é Campeão! Campeão! - enfatizou a pequena.

- Como é? Um jumento atrapalhado desse! Campeão! Só você, minha filha!- Vou contar a boa nova pra sua mãe!

Dona Rita observava a ruma de estrela no céu, quando o marido se aproximou, pegando a sua mão. Eles se abraçaram e emaranhados desataram a conversar. A mulher contou sobre as encomendas de costura, a visita inesperada do tal monge estrangeiro e sua proposta feita à menina. O marido, meio enciumado, concordou com a ida da filha para a biblioteca, com a condição de que Dona Rita desse um jeito de perguntar à beata Dora pela procedência do padre misterioso.

- A única coisa que podemos deixar pra nossa menina é o estudo

- disse Seu Lins com o olhar rebaixado.

Ao longe, o casal avista o lampião aceso da casa do Coronel. Será que nesse mês ele pagaria certinho pelo algodão? Os trabalhadores da Fazenda vizinha recebiam um ordenado maior. Seu Lins, um dia, até se questionou se não seria melhor partir e ir pedir emprego pelas bandas de

lá. Mas, como era um homem leal, acabava se mantendo preso às rédeas do Coronel Feitosa.

- Vem menina! Tá na hora de dormir! - chamou Dona Rita.

Em minutos, o silêncio, habitando o vilarejo, fez o sono se abrigar naquelas casas. As sombras do sono chegaram em passos lentos, agindo com precaução para fazerem adormecer os moradores, sem qualquer tipo de resistência.

Já no dia seguinte, eram quase 6 horas da manhã, quando Ana Laura, com seu vestidinho amarelo, apareceu na capela de mãos dadas com a mãe, procurando o monge português. A beata Dora atendeu prontamente as duas, não perdendo a chance de começar uma ladainha meio fastiosa sobre as virtudes do padre, que muito a contragosto acabou ouvindo tudo de perto.

- Sou um servo de Deus! Deixemos a vaidade ser somente cinza - ensinou o sábio padre.

- E então pequena, vieste ser minha ajudante na bela tarefa de abrir livros?

- Sim, seu Padre! Eu nem dormi direito! Quero saber logo do tesouro do baú! - respondeu a menina.

Ao ver o rosto de ânimo da criança, o monge se deu conta das horas amargas que travava, todos os dias, para parecer entusiasmado frente aos outros. Logo ele que sempre fora movido por nobres ideais, ansiando sentir a intensidade da condição humana. Agora, ele se via consumido num estado de ausência de emoções, que o remetia a questionar-se com frequência sobre em qual tipo de coisa ele se transformara. Tudo isso se passava na cabeça do monge, que há mais de 2 dias não conseguia dormir, angustiado pelos fantasmas do remorso.

- Pelo visto, encontrar-te foi uma verdadeira providência divina! Vem cá! Segue-me! - respondeu finalmente o monge.

Coberto, por mantas volumosas, lá estava o velho baú, meio empoeirado, com dimensões grandes e trancafiado, como se ali realmente houvesse um valioso tesouro, achado por alguma civilização antiga. Na tampa do baú, havia uma expressão latina que causava espanto à menina: "Ora et Labora".

- Vem cá, criança! Tens medo? - chamou o padre, que com a chave já em punho abriu o misterioso baú de onde surgiria um mundo novo que até então Ana Laura desconhecia.

- Vê! Aqui eu escondo o maior tesouro de todos os tempos! São, portanto, as preciosas palavras, verdadeiros alicerces da nossa humanidade, entregues a nós para que as conhecendo possamos assim compartilhá-las com todos os outros.

Por alguns minutos, Ana Laura recordou a tarefa dada pelo seu pai de ajudá-lo com o difícil nascimento de um bezerro. Ela sabia que ali também não podia desapontar. Teria que demonstrar ser uma boa ajudante.

- É pra eu fazer o quê? - questionou a menina.

- Os homens não necessitam apenas de pão como alimento. Há uma parte neles que tem fome de algo maior, algo pleno em sua essência e que não se destrói!

- Mamãe fala que eu tenho o olho maior que a barriga, porque eu sinto muita fome, mas não limpo o prato, sempre deixo um restinho! - disse a menina.

- A fome que combateremos não será saciada pelo alimento comum, pois ela não é apelo da carne. É necessidade do nosso espírito! Aqui falo da fome por conhecimento e, pelo que sei, o seu único remédio é justamente aquele que temos no baú: livros – esclareceu calmamente o monge.

- Hoje, como é o teu primeiro dia, faremos assim: dar-te-ei este livro de capa dourada com a irrevogável condição de que, após lê-lo, tu não o deixarás morrer! Terás que fazê-lo passar a frente para que assim muitas pessoas o leiam. Só desse modo a vida dele se perpetuará! - ordenou o padre.

- Posso levar pra meu amigo Zequinha? - questionou a menina.

- Sim, tu podes dividi-lo com todos os teus amigos e, fazendo isso, tu estarás somando mais dias à vida dele, cujo enredo inspirou tantas gerações. Trata-se, pois, de um livro muito antigo, feito no ano de 1605 pelo espanhol Miguel de Cervantes, que conta a história de um cavaleiro especial, diferente de todos os que já existiram nesse mundo: o nome dele é Dom Quixote de La Mancha, o cavaleiro da triste figura. Ele, montado no seu cavalo, chamado Rocinante, parte com seu amigo Sancho Pança para vivenciar aventuras tão fantásticas que somente a imaginação pode ofertar.

- Por isso, naquele dia em que inesperadamente tu me devolveste a razão eu, como forma de gratidão, coroei-te com o nobre título de amazona de La Mancha.

- Eita! Meu nome mudou! Vou escrever diferente agora? - indagou preocupada a criança.

- Não precisas disso! O teu nome é tua marca! Apenas toma o livro e não esqueças o combinado! - alertou o monge, tentando não parir o riso.

- Pode deixar, Seu Padre! Eu vou ler tudinho e depois passo pra os outros meninos - disse Ana Laura ao receber o livro.

- Ah! E o seu segredo fica guardado! Eu não vou revelar pra ninguém a sua identidade secreta! - gritou a criança quando já corria, ansioso contar a novidade para o seu grande amigo Zequinha.

O monge ficou intrigado com a fala inocente da pequena que conseguira o feito de lhe fazer nascer um sorriso. Qual o segredo guardado? Parecia que a menina, tal qual Dom Quixote, nutria uma imaginação maior que o mundo, capaz assim de desvendar os mais profundos segredos da alma humana.

De repente, o Irmão Joaquim observara que havia se esquecido do tempo. As horas tinham se transcorrido, como se o universo anterior nunca tivesse existido. Parece que finalmente ele havia tomado uma atitude certa. A vinda para aquele pequeno vilarejo não parecia mais um erro que antes tanto repercutia em seus questionamentos íntimos. O lugar de pouco mais de 150 habitantes, que o fizera fincar raízes, nutria uma percepção de cooperação pouco usual das cidades grandes. Parece que os moradores daqui nasciam já com um senso de pertencimento agregador, de tal modo que seus atos de consciência refletiam um ditado belo e quase esquecido nas mentes dos homens urbanos: juntos venceremos, divididos cairemos. De fato, é uma terra à margem do caos e da frieza dos imensos centros.

Tudo no vilarejo tem um ritmo diferente, bem compassado. Aqui os dias seguem uma sequência linear. Os ponteiros dos relógios sincronizam uma só batida. Acorda-se cedo, toma-se o café preto e segue-se para o trabalho. No fim da tarde, quando se largam os afazeres, os moradores vão às feiras para abastecer as despensas com mantimentos. Só então, eles vão ceiar em volta da mesa, geralmente gratos a Deus pelo caminhar dos dias. Quando aparece nos céus o brilho das estrelas, mortas há anos-luz da Terra, todos eles saem para os tabuleiros, ansiando ter uns minutos de prosa com os parentes. Vez ou outra ocorre uma reunião da vizinhança para discutir causos estranhos. Há também o lado bom sobre o decorrer do tempo no Sertão; é que os habitantes quase não envelhecem. Parecem em fisionomia cerca de dez anos mais jovens do que a aparência de um su-

jeito das grandes metrópoles. Se até Deus é misericordioso com este lugar, nada mais justo que o tempo também seja. Não se trata da descoberta da fonte da juventude. Aqui ninguém tem muita vocação para ser mentiroso; a única razão para essa jovialidade é que os vagarosos dias são milimetricamente iguais. A igualdade do tempo é causa até de rejuvenescimento.



CAPÍTULO QUARTO: O DESAPARECIMENTO DAS MELANCIAS.

O barulho perturbador da velha máquina de costura não cessava os pensamentos teimosos de Dona Rita. Ela continuava seu ofício de costureira com normalidade, apesar de não conseguir esquecer o sonho que tivera na noite passada. Já bem cedo, com os longos cabelos negros presos num coque, Dona Rita praticava sua atividade com extrema habilidade, não desapegando da agulha e das linhas, tornando-se assim bastante procurada pelos seus trabalhos de costureira.

O sino da capela marcava 7 horas, a manhã estava se afugentando e Dona Rita não conseguira terminar de coser a calça de Seu Olegário, talvez por continuar a pensar no seu estranho sonho. Assim que seu marido chegasse contaria a ele. Seria verdade o que seus olhos, em sono profundo, viram?

Tudo parecia absolutamente verídico, como se fosse notícia estampada em capa de jornal da cidade grande. Dona Rita ainda recordava o marido recebendo das mãos de São Pedro as chaves do céu, pois Seu Lins tinha alcançado a salvação exatamente no dia em que resolvera salvar a vida do pobre jumento.

Enquanto a mãe se consumia em divagações, Ana Laura se encantava com as batalhas de Dom Quixote, travadas contra os moinhos de vento. Rompendo então o silêncio da casa, Zequinha, amigo inveterado de travessuras, assobiava lá fora uma canção de ninar para a menina. Era esse o infalível código deles, quando arquitetavam principiar alguma aventura.

Sem fazer o menor ruído, Ana Laura pulou a janela do quarto e, ao ver Zequinha, lembrou-se do seu jeito desconfiado em sala de aula, onde nunca fora capaz de responder a uma indagação da professora. Na classe, ninguém reparava na sua figura, a não ser quando ele levantava timidamente o braço para confirmar sua presença na hora em que se fazia a chamada dos alunos. Ana Laura achava que o jeito envergonhado de Zequinha no colégio era causado por sua trajetória de reprovações escolares.

Ele ainda não conseguia ler bem, conhecia apenas algumas sílabas. Talvez isso acontecesse porque Zequinha, apesar da pouca idade, já trabalhava feito gente grande nos arredores daquele vilarejo. Afinal, o menino precisava ajudar a sua mãe no sustento de casa, já que seu pai que era um valente vaqueiro falecera há vários anos, quando um boi violento repentinamente o matou. O tempo flui e vai germinando com ele a distância, de tal forma, que Zequinha nem mais se lembrava do rosto do pai. Por vezes, pelo caminho de volta para casa, quando passava bem em frente a um curral, tentava vislumbrar as feições ou um simples gesto que fosse do falecido, mas de jeito nenhum conseguia. Às vezes, ele até insistia em tentar reviver, em seus pensamentos, as manhãs em que saía na garupa do cavalo do pai para marchar com uma boiada, que seria entregue numa fazenda próxima.

Entretanto, desde que o pai fora morto, Zequinha só se remetia à lembrança dos trajes típicos de vaqueiro que ele usava, já que a sua mãe muito bem os guardava em casa, logo na parede mais vistosa da sala, pendurados em um armador para que todos que lá chegassem de longe vissem. Dona Salete fazia isso como se aquelas roupas tivessem uma força sobrenatural de trazer o marido de volta, nem que fosse em inconsoláveis memórias. Quem morre ainda vive, nem que seja pela memória do outro.

Todavia, fora do seu pesado trabalho nas carvoarias da região, Zequinha vivia empenhado a fazer travessuras. Quem o olhasse sentia uma vontade incontrolável de dar gargalhadas. O menino adorava reunir os amigos, e se fosse para bater bola, então ele se maravilhava. Desde quando menorzinho, jogar futebol era uma das suas aventuras prediletas,

que o fazia em um campo de futebol improvisado ali mesmo, no meio das cajaranas, no chão de terra batida.

Nesses instantes, Zequinha sempre que podia voltava a ser simplesmente criança. Naquela idade, os dissabores da vida não representavam muralhas intransponíveis que obstaculizassem as alegrias do menino. Bastavam-lhe uma bola e amigos que qualquer lugar, por mais simples que fosse, virava o estádio do Maracanã lotado, como numa partida de times rivais. Com a bola nos pés, o menino agora encarnava um artilheiro dos campos inserto num estádio de futebol entupido de torcedores. Afinal, imaginação não lhe faltava, bem como não faltavam janelas quebradas após cada partida.

Então os dois amigos começaram a falar baixinho, como se o sol fosse capaz de derreter as palavras:

- Ei, vamos nadar no rio! Todo mundo já tá lá! - convocou o menino.

- É que mãe não deixa! E tem mais: eu quero terminar de ler meu livro! - respondeu Ana Laura.

- Oxe! Lá é bom que só! Tá ficando frouxa! - confrontou Zequinha.

- Eu não! Você não tem metade da minha valentia! Vamos logo então! - respondeu a menina.

E apostando carreira, os dois seguiram para o leito do rio, onde quase todos os meninos da vila já estavam a fazer estripulias: espanavam a pouca água, brincavam de mergulhar para medir o fôlego e os mais quietos apenas observavam. Zequinha e Ana Laura decidiram nadar, na tentativa de procurar no meio daquela água turva algum sinal dos tucunarés que antes habitavam o rio.

Os meninos do vilarejo seguiam quase que diariamente, com exceção da Semana Santa, essa doce mania de tomar banho nas águas rasas do Rio Mulungu, aproveitando para desafiar aquele que conseguisse ficar mais tempo no fundo do rio, sem respirar. E depois caçar em meio ao mato, à procura apenas de frutas, levando em seus bolsos ardilosas baladeiras. Apesar de sempre se ver a revoada de arribações, descendo para beber água nas margens do rio, Ana Laura não permitia que qualquer um dos seus amigos atentasse contra a vida dos animais da caatinga. Por eles, a menina sentia um respeito tão profundo que, por vezes, ela ficava admirada, quase que estática, espiando a engenhosa construção de um ninho de rolinhas.

Era quase meio dia, a manhã rapidamente se esvaía, quando Zequinha começou a sentir fome. Ele então convocou toda a turma para ir à propriedade de Dona Hannah, uma das poucas mulheres que morava sozinha no vilarejo, para lá pegar umas boas melancias. No plantio da solitária senhora havia tantas frutas, de todas as cores e tamanhos, que os meninos imaginavam que a velha mulher nem notaria a falta de uma delas. Ana Laura, como de costume, se impôs contra a ideia por considerá-la essencialmente injusta. Ela se lembrava das horas a fio de trabalho a que Dona Hannah se submetia, sozinha, sem qualquer auxílio, para que assim, depois de três longos meses, conseguisse colher algumas poucas melancias.

Outras vezes Ana Laura se compadecia ao observar o amor de Dona Hannah pelos seus carneiros, criados ao lado da casa. A misteriosa senhora costumava ficar horas ao pé da janela, observando seus animais cuidadosamente. Dona Hannah guardava em si uma tristeza tamanha que a conduzia para um mundo de reclusão, onde somente o labor pela sobrevivência a resgatava para pequenos momentos de felicidade.

Contudo, o mau costume dos meninos já havia se interiorizado, tal qual raiz em terra fértil. Logo, contrariando a opinião de Ana Laura, eles resolveram então ir, de modo que andaram tão ligeiro que em poucos minutos chegaram à plantação de melancias. Havia lá todos os tipos de tamanho da fruta: grandes, medianas e pequenas. Umas mais verdes que outras, e foi justamente a maior que escolheram para provar, pensando que somente esta poderia saciar a fome de todos eles.

Assim, jogaram a pesada melancia em cima de uma pedra e, quando eles a viram quebrada em tantos incontáveis pedaços, atiraram-se tão afoitos que pareciam estarem famintos há longos dias.

Nesse momento, Dona Hannah ouviu um estrondo, misturado com o som de risadas. Ela havia terminado de limpar sua casa, varrendo a sala de uma maneira peculiar, como se o sujo juntado pela vassoura não pudesse encostar-se a uma tábua de mandamentos pregada por trás da porta. Foi quando a velha senhora, movida pela curiosidade, decidiu ver o que acontecera, embora já pressentisse que se tratava de uma nova travessura dos seus estimados carneiros.

Dona Hannah logo caminhou a passos leves, como se estivesse num tapete de finas nuvens. E quando estava já a poucos metros da plantação de frutas, ela viu um bando de meninos, sentados no mato ralo da terra, saboreando uma das suas melancias.

- Ei, moleques danados! Vou contar isso à mãe de vocês! - disse Dona Hannah em tom ameaçador.

-Eu não peguei nada, viu! - disse Ana Laura, tentando de prontidão se defender.

Nesse instante, os meninos correram tão velozmente como se suas vidas dependessem da agilidade de suas pernas. Mas, para surpresa da solitária senhora, Ana Laura não fugira. A menina continuava ali imóvel, com um olhar altivo, típico das pessoas que, conscientes da própria inocência, nada temem.

Enquanto isso, Dona Rita estava inteiramente angustiada no alpendre de casa, imaginando o que acontecera com sua filha. Ela sabia que sempre que a menina desaparecia havia o rastro de Zequinha nas pegadas do sumiço. Em razão disso, Dona Rita até já batera na porta da casa do levado menino, mas a mãe dele, chamada Dona Salete, também não sabia de nada. Foi quando, sem aguentar mais a aflição de não ter notícias da filha, a jovem costureira resolveu ir sozinha à procura da sua descendente.

Fechando bem as portas de casa, Dona Rita meteu o pé na estrada que era sombreada por velhas algarobas. Pelo caminho encontrou gente a cavalo que vinha da feira da cidade grande, trazendo grandes cargas. Ela os fazia parar, mas quando perguntava por sua menina a algum deles, a resposta era sempre negativa e agonizante: Ninguém tinha visto Ana Laura!

Naquela estrada de terra batida, Dona Rita conhecia tão bem todos os seus recantos que por vezes se pegava caminhando de olhos fechados, deixando-se ir apenas pelo compasso dos seus pés, que apressados impunham logo uma marcha agoniada, cujos vestígios eram vestidos pelas folhas secas que desfilavam a sua frente, desatando-se de velhas algarobas. As folhas, na ânsia de partirem para novos mundos, ficavam à espreita, esperando o momento em que o vento pudesse afastá-las das secas árvores e assim as conduzisse para o mais longe possível. Em seu coração, Dona Rita temia o pior, imaginando que sua filha tivesse se deixado ir pela vontade do vento.

A jovem costureira, com um terço bento na mão, sabia bem que o vento era um semeador de rupturas, que vagava nas estradas feito um louco, desatinando os moradores mais desavisados. Desde que tinha sete anos, quando ainda brincava de ciranda com as meninas de Seu Cosme, ela ouvira falar sobre o sumiço de uma criança, lá do vilarejo vizinho, que mesmo estando na porta de casa a brincar com umas pedrinhas foi levada misteriosamente pelo vento. A mãe dessa desafortunada criança dizia a

todos que, quando uma avassaladora ventania chegou, carregou consigo a menina, raptando-a para um lugar que ficava acima das nuvens. Muitas vezes, em manhãs nubladas, meninos apontavam para o céu, relatando verem o rosto de uma criança no formato das nuvens.

Quando então Dona Rita pulou um passadiço, avistou ao longe uma senhora de mãos dadas com uma criança. O coração de mãe, apesar da distância, já sabia: era sua filha! A costureira então acelerou os passos em direção à menina e, sentindo uma sensação indefinida de emoções, abraçou a cria firmemente, como se fosse uma leoa lambendo o filhote.

- Menina, você me mata do coração! Eu vou contar tudinho para o seu pai! - disse a mãe já aliviada.

- Conte não, mãe! Eu não fiz nada! - defendeu-se a criança.

- Oxe! Vou contar sim e se prepare para o castigo! - respondeu a mãe.

Dona Hannah, intrometendo-se na conversa, começou a contar o ocorrido, relatando as suas queixas e amolações para Dona Rita:

- Não aguento mais! Toda vez que vou colher as melancias perco umas por causa desses meninos! - declarou de prontidão.

- E tem mais: essa menina é brava, viu! Foi a única que não esmoreceu quando me viu. Ficou lá parada igual à pedra no meio do caminho - esclareceu Dona Hannah.

A mãe de Ana Laura, notavelmente envergonhada, sem quase conseguir olhar nos olhos de dona Hannah, prometeu à velha senhora que sua filha não a importunaria mais. E como remédio contra essa irresponsável malcriação usaria um bom castigo: com exceção da escola, a menina não sairia mais de casa durante um bom tempo. Ouvindo tais palavras, Dona Hannah despediu-se satisfeita e saiu preocupada com seus pobres carneiros que estavam com pouca comida no cocho.

Após a caminhada em silêncio, mãe e filha chegaram a casa e lá encontram Seu Lins, que se reconfortava no banco do alpendre, sem entender o que acontecia.

- Avalie só: sua filha outra vez foi tomar banho no rio sem avisar nada! Ela pensa que é dona do mundo! Só pode! - disse logo Dona Rita

- E pior: mexeu na plantação de Dona Hannah! Ela quase vinha aqui para me entregar a menina em mãos, mas acabei encontrando as duas no meio da estrada.

- Eu não comi nenhuma melancia. Só tomei banho no rio! - disse logo a menina ao pai.

- Eu sei que mereço um castigo! Mas hoje não! Preciso ir à biblioteca do padre! - novamente falou a criança.

O pai, atordoado com as falas quase simultâneas da esposa e da filha, logo repreendeu a menina:

- Se sua mãe falou que você tá de castigo, então eu não tenho o que fazer! Deixe de zoada e passe logo pra o seu quarto!

Obedecendo ao seu pai, Ana Laura trancou-se no quarto, onde chorou feito uma desenganada durante a tarde toda, mais em razão da proibição de visitar a biblioteca do que pela privação de sua liberdade.

- Essa menina é sentida demais! - disse a mãe.

O almoço da família Lins não se parecia com o dos outros dias: à mesa, marido e mulher quase não tocavam os pratos, sentindo a falta da filha que estava de castigo no quarto. Logo, Seu Lins retornou ao trabalho, saindo pela a estrada sem o abraço apertado que sempre ofertava à sua menina.

À tardinha, quando o vilarejo já quase escurecia com as sombras da noite, Dona Rita resolveu ver o que a menina estava aprontando no quarto. Decerto a criança devia estar lendo aquele livro dado pelo padre, pois não se ouvia nenhum arranhar de som vindo do quarto. Com as mãos já na maçaneta, Dona Rita foi abrindo a porta pausadamente, como se estivesse a espiar uma cena. Nesse instante, a senhora estremeceu-se todinha, teve um longo sobressalto como se seu coração estivesse sendo pressionado: Ana Laura novamente fugira e dessa vez sem deixar qualquer pista.



CAPÍTULO QUINTO: A GRANDEZA DA FÉ SERTANEJA.

As lamparinas e os candelabros da grande casa estavam todos acesos, apesar da escuridão que se alastrava lá fora. O Coronel Feitosa e sua esposa dedicaram poucas horas e muitas moedas para a decoração da sala de estar, onde aconteceria a recitação do terço. Na ampla sala via-se mobília fina de origem francesa, vasos gregos e uma iluminação feita com lustres que ostentavam a nobreza do lugar. Contudo, o casal relegara a mais importante peça que estava em desconformidade com todo o interior da casa: eles próprios. Quem adentrasse ali encontraria um cenário pomposo, marcado pelo luxo, desses de dar inveja aos mais requintados, mas os donos da casa, por sua vez, estavam quase moribundos, murchos, de tal forma que a pobreza de espírito se impregnara em suas almas. Eles já não viam, à sua frente, humanos, apenas contabilizam coisas e mais infandas coisas, num cálculo sem fim.

O monge, advertido sobre o casal pelo velho padre do vilarejo, que conhecia bem todos os moradores da região, tentava fitar seu olhar num belo e pequeno crucifixo, que estava fixado a uma parede, bem ao

fundo da casa. Parecia ser um quartinho, já que lá havia uma singela cama de madeira. Será que era um cômodo para empregados? Quem ali habitaria? Tais pensamentos corriam pela feição do monge, que, ao cabo deles, lembrou-se de uns belos versos de Santa Teresa de Ávila, vistos em um dos tantos livros do Mosteiro:

*“Move-me tu, Senhor, move-me o ver-te
cravado nessa cruz e escarnecido;
move-me no teu corpo tão ferido
ver o suor de agonia que ele verte.”*

Na verdade, para o Irmão Joaquim a grandeza do amor de Deus ficava transparente sempre que seus olhos contemplavam a imagem de Cristo na cruz. Quase que de imediato, o coração dele se emudecia e no seu peito rebentava um sentimento cujo significado escapava ao dicionário.

A vida por vezes abrandava, por outras amorna. E para os pais de Ana Laura, a vida seguia embrutecida sem notícias da filha, já até tinham ido duas vezes à casa de Zequinha, mas o menino parecia realmente não saber de nada. Eles então viviam momentos angustiantes, Seu Lins e Dona Rita tinham percorrido tantos caminhos naquela estrada escura, andando de casa em casa e perguntando por Ana Laura a todos que viam. Contudo, as respostas ouvidas causavam ainda mais aflição: a menina e o seu jumento não foram vistos por essas redondezas.

Enquanto isso, passadas algumas horas de caminhada, a menina, montada no seu jumento, parecia abatida, sem mais ânimo para prosseguir com sua fuga. Queria ela agora morar com seu avô, embora não soubesse o caminho, pois apenas se lembrava de que a casa do seu ascendente ficava perto de um velho curral. Todavia, acreditava que Campeão conseguiria conduzi-la até lá. Ana Laura não suportava mais a ideia de ficar longe da biblioteca do padre, onde em sua visão seria a concretização do paraíso, sempre cheio de variados livros e mais livros.

De orelhas atentas, o jumento ouvia todos os rumores de Ana Laura, sem bem entender o porquê dela se afastar de pessoas tão boas como eram os seus pais. Os humanos eram tão esquisitos! Campeão imag-

inava a preocupação de Seu Lins e, em razão disso, compadecia-se com o sofrimento sentido pelo seu dono. Assim mesmo, o jumento seguia cansado para um lugar que sempre lhe parecera seguro, pois quando de lá se aproximava, ficando à margem de suas portas, nunca ninguém se atrevia a insultá-lo, nem tampouco a agredi-lo. E, movido por essa convicção, o leal animal levava a filha do agricultor pelas estradas, cheias de algarobas.

De repente, ouviu-se um som agudo, meio desconcertante, como se um tecido estivesse sendo rasgado. Ana Laura logo gritou. O jumento, porém, conhecedor da vida solta, nem se dispôs a apressar os passos, em razão de saber que se tratava apenas do barulho de uma coruja, conhecida naquelas redondezas como rasga mortalha, que por sinal era muito formosa e, por isso, não conseguia compreender o ódio nutrido por tantos humanos contra aquela pobre ave. Depois de alguns minutos a menina, levantando bem a cabeça, arregalou os olhos com alívio, já que agora começava a avistar um lugar de consolo para a sua aventura, onde sabia que poderia descansar, sem temer que o mal lhe abatesse.

Nesse desenrolar do tempo, Seu Lins e Dona Rita chegaram ao único lugar, onde não tinham ainda visitado à procura da menina: a casa grande do Coronel Feitosa. Lá eles encontraram tanta gente que até cogitaram que Ana Laura talvez ali estivesse. Contudo, ao perceberem a ausência da filha também naquele local, aceleraram os passos em direção ao velho monge, como se ele fosse o último grão de esperança que restara.

Em prantos, Dona Rita aproximou-se logo do monge, indagando sobre o desaparecimento da menina:

- Padre, me acuda! O Senhor viu minha menina? Ela sumiu, desde a tardinha!

- Calma, Senhora! Deus, com imensa bondade, proverá! Ele nos dará uma resposta - disse o sábio monge.

Foi então que o monge resolveu sair para fazer o que sempre fizera, quando se sentia inseguro: rezar! Desse modo, aproveitando-se que a recitação do terço já estava findada e que agora as pessoas apenas saboreavam uns quitutes da casa, o monge convidou os pais de Ana Laura para o acompanharem em oração até a capelinha de Santa Ana, que ficava a poucos metros dali. Assim, em silêncio, seguiram o monge estrangeiro, o velho padre e os pais da menina. Todos caminhavam devagar, orando, ordenados como se estivessem numa procissão.

As súplicas pelo aparecimento da menina eram feitas bem baixinho, quase inaudíveis, apenas de quando em quando se conseguia escutar alguns soluços de Seu Lins, que não afugentava de sua mente a história de

uma menina que morreu perdida numa serra lá pelos Brejos. Por sua vez, Dona Rita, já quase inebriada em seus pensamentos, recordava-se dos tempos em que Ana Laura habitava apenas em sua barriga. A costureira, desde os primeiros meses de gravidez, não gozava de boa saúde, a tal ponto que, no exato momento do parto, a situação se agravara. Sentindo fortes dores, Dona Rita com a ajuda da parteira Comadre Luzia se esforçava para fazer vingar aquela sagrada vidinha, mas a criança parecia estar enlaçada. De imediato, a jovem mulher recorreu à sua santa protetora e, como prova de sua devoção, fez a seguinte promessa: se o seu bebê nascesse com vida, consagrá-lo-ia à Santa Ana. Dessa forma então foi feito; a criança, que por milagre nascera saudável, fora consagrada à avó de Jesus e em sua homenagem recebeu o prenome de Ana.

Ao chegarem à capela, o monge percebera que a pequena porta de entrada estava entreaberta, como se alguém discretamente tivesse adentrado ali. Ele deu logo dois passos, olhou bem ao fundo para a sacristia, mas tudo parecia inalterado. Quando então se dirigiu para o altar de Santa Ana, ele avistrou logo abaixo a criança dormindo em profundo sono no chão, confortada, como se estivesse nos braços ternos da própria mãe. A bela imagem de Santa Ana em pé, carregando em seu colo a sua menina Virgem Maria, decerto guiara Ana Laura durante toda a travessia. Comovidos pela graça, os pais correram para junto da filha e, entre lágrimas e risos, começaram a agradecer à Santa da capelinha pela fiel proteção dada à menina.

O jumento, percebendo a chegada do dono, desatou uma carreira para a frente da igrejinha, pois desde que chegara se encontrava lá atrás, em sinal de respeito pela casa do Rei dos reis, que um dia os seus antepassados tiveram a gloriosa honra de conduzir.

A procissão então alegremente se desfez. Os padres permaneceram na capelinha. Aproveitariam a ocasião para começar os cânticos de agradecimento a Deus pelo aparecimento da criança. Enquanto isso o jovem casal, com a menina adormecida, continuou agora em companhia do jumento uma caminhada de volta para casa numa estrada iluminada por poucas estrelas. Era uma noite que se fazia amena e apaziguada. Os espíritos do Sertão já repousavam. Ali por aqueles caminhos, somente o silêncio, com suas pálpebras arregaladas, habitava em absoluto.



CAPÍTULO SEXTO: A OMISSÃO É A CAUSA DE MUITOS MALES.

O sol já ia alto; Dona Rita, sem temer o peso da labuta, já se dedicava aos seus afazeres domésticos, após sentir como de costume a brisa suave da aurora. Sem contratemplos, a jovem senhora seguia com normalidade sua rotina, com ouvidos bem atentos aos passos da filha, que continuava de castigo no quarto sem voar, tal qual passarinho enjaulado, pois somente poderia sair à tarde para a escola. Com a voz áspera, Dona Rita intimou a criança:

- Eu não quero ouvir um pio! Passe logo pra tomar seu café!

Ana Laura, com coração ressabiado, parou o seu balançar na rede e se pôs a andar ligeira para a cozinha, sentando-se à mesa num forçoso estado de silêncio preenhe de palavras.

- Eu não sei onde estão os filhós que fiz na sexta passada. Você viu menina?

- Oxe! Por que não responde? O gato comeu sua língua foi? – indagou novamente Dona Rita.

A menina, recordando-se que, durante a fuga havia levado os deliciosos filhós, tentou disfarçar a culpa, fazendo um jeito manhoso:

- A senhora disse para eu não falar! Eu só obedeci!

- Sei... agora eu tenho uma filha obediente dentro de casa! Uma alma, por certo, se salvou! Vou já mandar o padre rezar uma missa! - ironizou a senhora.

De coração arrependido e profundamente temeroso, Ana Laura observava atentamente a sua mãe, que naquela manhã guardava em seu rosto uma expressão de severo cansaço, decerto em razão da sua tormentosa fuga. Assim, com olhos desviados, a criança retirou do bolso um bilhete amassado, que estava bem colado a uma singela boneca, feita de sabugo de milho, tal qual Dona Rita ensinara a Ana Laura, durante a debilidade e, correndo para o quarto, a menina entregou o presente à mãe. A jovem costureira, lembrando-se da filha quando ela ainda era um frágil bebê, alisou com cuidado os cabelos loiros da bela boneca e, de imediato, leu o pequeno bilhete que continha os dizeres:

Mamãe, eu sou e sempre serei a sua eterna bonequinha!

Por favor, me perdoe!

Com imenso amor,

Ana Laura Lins

Nesse instante, Dona Rita, com os olhos marejados, foi ao quarto da filha e, dando um redentor abraço, fez o seguinte alerta:

- Olhe moleca, se você me aprontar outra dessa, o seu castigo vai durar pra sempre, viu!

Ao sair do quarto, Dona Rita se deparou com uma intrigante visita, sentada no banco do seu alpendre. Era na verdade o velho monge português, que com um olhar altivo, parecia estar naquele momento com uma pressa desapiedada.

- Ave Maria! É o senhor padre! Vamos entrar que a casa é sua! - convidou a jovem mulher.

- Perdoa-me vir à tua casa sem aviso! Mas eu deveras preciso conversar com tua filha! – elucidou o padre.

- Oxe! Vou já chamar a menina! Pode ir se sentando, que o senhor chegou numa boa hora! Tenho aqui numa vasilha um bom queijinho de manteiga, bem novinho, para o senhor provar. Nem se encabule! - respondeu Dona Rita.

Enquanto a mãe falava, Ana Laura, com um livro nos braços, surgiu em frente ao padre:

- Eu sabia que o senhor vinha me ver! Trouxe mais algum livro?
- indagou a criança.

- Não sei bem se tu mereces outro tesouro! A tua conduta reprovável manchou toda a missão, pois me parece não tê-la cumprido conforme o combinado.

- Me perdoe, Padre! Eu sei que não devia ter fugido de casa, mas acontece que eu fui injustiçada. Eu nem provei a melancia de Dona Hannah, apenas fui nadar no rio com os outros meninos - disse a criança.

Esfregando a testa com seus dedos, o monge se esforçou penosamente para encontrar palavras facilmente compreensíveis, capazes de explicar àquela criança o verdadeiro significado de honradez, tão necessário entre os homens. Lembrou-se então de recorrer à sua paixão: os livros que conseguem, mesmo em seu estado de mudez, transmitir os mais belos ensinamentos da vida humana.

- Ana Laura, escuta-me bem: Há muitos e muitos anos, um jovem de um país distante, chamado Dante Alighieri, escreveu um poema sublime, composto em conjuntos de três versos, que por sua magnífica capacidade de encantar multidões passou a ser conhecido como A Divina Comédia. Tal poema retrata a viagem de Dante e do grande poeta Virgílio ao mundo espiritual, dividido em três espaços misteriosos: o inferno, o purgatório e o paraíso. Pois bem, segundo Dante, em sua imensa jornada, ele observou que no purgatório habitavam os humanos omissos, considerados covardes por adotarem uma postura de acomodação no mundo, já que sempre se mostram incapazes de se comprometerem com qualquer causa. Na verdade os omissos, por não fazerem a diferença aos seus próximos, sofriam a pena de esperar eternamente no purgatório até perceberem a inutilidade de suas existências.

Ana Laura achou a fala do padre tão comovente que se pôs a questionar como alguém podia conhecer tanto as coisas da vida e, com isso, passou logo a sentir um querer cada vez mais sedento por sabedoria.

- Que poema diferente! - disse surpreendida a menina.

- Escolhi falar-te acerca desse poema por um único propósito: quero ver-te atuante no teu meio, fazendo a diferença aos teus próximos. Não quero que continues passiva, inerte, sem qualquer serventia, tal qual pó no deserto, onde a necessidade premente é por água. Tu, Ana Laura, tens o alento de cultivar o amor pelo conhecimento e, em razão disso, debes usá-lo como instrumento de propagação do bem aos que se veem

desassistidos. Tenta, pois, modificar, nem que seja minimamente, a nossa agonizante realidade! – disse com face séria o velho monge.

- Vê ao teu redor: há pessoas tão necessitadas de ti; contudo, tu permaneces em estado de indiferença quanto a elas. Por que tu nunca ofertas ajuda ao teu amigo Zequinha? Ele tem a tua idade, no entanto, por trabalhar nas duras carvoarias da região, ainda não sabe ler nem tampouco escrever. E ainda temos a Dona Hannah, que mora sozinha em casa e, por ser estrangeira, não conhece bem a nossa língua. Por que tu também não te dignificas a ler algumas breves histórias para ela, oferecendo a tua companhia? A tua omissão comprova neste momento que o teu conhecimento é quase inútil.

- Padre, não fale isso! Eu não sabia que tinha essa missão! - justificou Ana Laura.

- Criança, tu deves compreender o verdadeiro sentido da busca pelo conhecimento: a tarefa de partilhá-lo como os outros irmãos, como se fosse pão.

- Hum... Certo, eu confesso que não cumpri minha missão, mas acho que ainda tenho tempo de consertar isso. Hoje vou pedir aos meus pais para ir à casa de Dona Hannah; já sei até as historinhas que vou ler para ela. Quanto a Zequinha, sei que não fui merecedora da amizade dele. Vou tentar me corrigir, vou ver um jeito de fazer isso - disse a menina com preocupação.

O monge, observando o rosto inquieto da criança, percebera que ela já vislumbrava o preço a ser pago pelo cultivo do conhecimento, já que este, por nos fazer abrir os olhos para coisas antes obscuras, ainda desconhecidas por tantos outros irmãos, nos faz por vezes carregar em nossos ombros um árduo peso: aquele de, às vezes, pregar em meio ao deserto, tal qual o grande profeta João Batista. Assim, ao contrário do que dizia um velho ditado, o monge sabia que em terra de cego quem tem apenas um olho não é rei: reina tão-somente aquele que carrega o fardo de enxergar o invisível aos olhos dos outros.

- Pois bem, Ana Laura! O tempo vai alegre ao teu encontro na tua idade; já na minha tenho que sempre correr apressado para não o perder de vista. Por isso, me despeço; tenho que visitar uns irmãos necessitados – disse o monge.

- Oxe Padre! O senhor já vai? Sem nem provar do meu queijo? Vai tirar o pai da força é? - indagou Dona Rita.

- Não senhora! É que como eu disse, o tempo urge! Agradeço-te pela oferta! – respondeu o monge, já abrindo o portão da casa.

Foi então que Ana Laura correu para o quarto com o intuito de retornar à leitura do seu livro de capa dourada. Queria logo lê-lo, para cumprir a missão de repassá-lo aos outros meninos do vilarejo. Ela, quando se deparava com as palavras, sentia o anseio de aspirá-las, como se fossem o seu próprio ar. Não devorava somente os livros, parecia também saborear até a tinta deles.

O Irmão Joaquim olhou o seu metálico relógio de bolso que decretava quase nove horas da manhã e seguiu em direção ao velho açude do vilarejo, pois lá perto vivia uma jovem mulher que acabara de perder o seu único filho, vítima de cólera. Enquanto o vento soprava contra o monge, ele contemplava a teimosia da vida naquele lugar. Via vacas bem magras à sombra de poucas cajaranas e algumas cabras comendo folhas secas. O monge gostava de caminhar sozinho, perdendo-se pelos seus pensamentos, sem que nenhuma outra presença humana invadissem aquele momento íntimo que lhe inundava por inteiro. De súbito, ao descer um passadiço, deparou-se com o prenúncio de uma saudade, já que se viu em frente a velhas cercas feitas de pedras, muito parecidas com as que seu avô construía em Portugal e que serviam como esconderijo para as brincadeiras dele e do irmão. Lembrou-se com isso de uma inquietação que tumultuava a sua paz de espírito. Onde estaria seu irmão? Por que ele não dava sinal de vida? Se pudesse voltar àquele dia, se pudesse voltar atrás no tempo...

E que tempo... Nunca ele esqueceria aquele fatídico dia. Eram exatamente vinte e três horas quando o monge ouviu alguém bater de modo insistente na porta do seu quarto. Teve um sobressalto, imaginando que algo grave se abatera sobre o mosteiro. Era o Irmão Francisco que, com rosto espantado, pedia para ele comparecer com urgência ao salão, pois lá uma visita o aguardava. Visita? Quem seria? Desceu então rapidamente as escadas e viu o reflexo de um homem entre os vitrais brilhantes do salão principal. O visitante era Guilherme, único irmão do monge, que estava impaciente, tentando acender um cigarro para se controlar. Seu jeito proeminente expressava bem o seu caráter destemido. Parecia sempre sedento pelo calor da vida. Talvez por essa razão Guilherme tivesse ingressado naquela jornada, que apesar de ser clandestina, sempre escondida dos olhares do Estado, mostrava-se tão intensa como se ali buscasse uma redenção nunca alcançada.

Depois de esfregar os olhos, o monge abraçou devotamente seu irmão e confessou a sensação de estranhamento que tinha em razão

daquela inesperada visita. Guilherme, com uma voz meio árida de força ou até de desamparo, contou-lhe sobre as imposições do regime de Salazar, as torturas do Campo de Tarrafal e as dificuldades travadas a cada dia. Enquanto falava, ele olhava para o monge como se guardasse em sua alma um pedido, que logo veio à tona:

- Meu irmão, sei que é ousado o que te falo agora, mas preciso de um bom esconderijo para me resguardar. Os homens da PIDE [Polícia Internacional e de Defesa do Estado] estão à minha procura. Deixa-me ficar aqui só por alguns dias, depois eu desapareço!

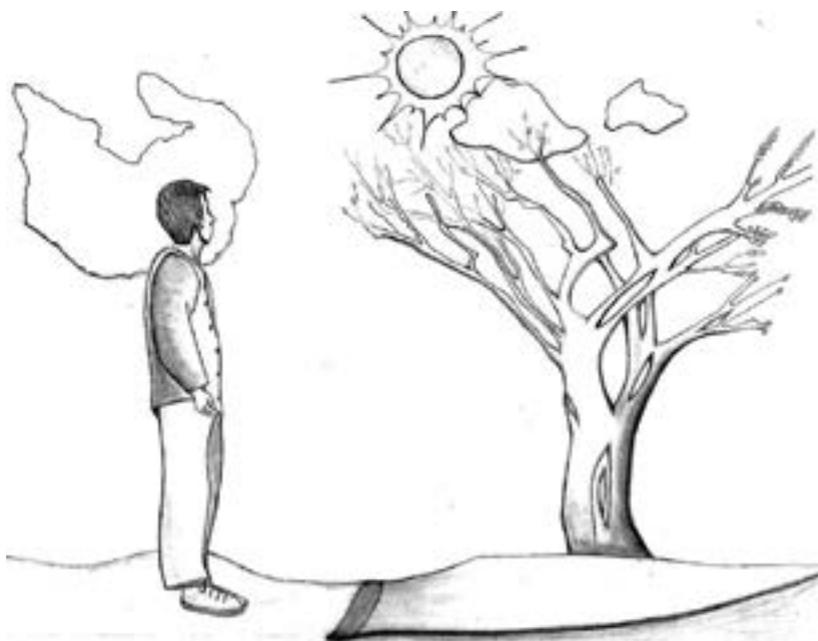
O corpo do monge estremeceu; teve um pavor, como se sua vida já estivesse em grande perigo. Que orgulho sentia do seu irmão! Admirava aquela coragem que parecia ser do tamanho do mundo! Por que não conseguia ser assim? Por que se via tão apequenado diante de tudo? Com um arrepio de medo, o monge constrangido respondeu:

- Perdoa-me Guilherme! Tu sabes do imenso amor que tenho por ti, mas o que me pedes é algo impossível. Os outros monges não permitirão isso!

Guilherme, enrugando a testa, parecia pensativo como se estivesse a decifrar um enigma da mitologia grega. O seu olhar, sem nenhum vestígio de submissão, fitou longamente o rosto do irmão monge e assim despediu-se dele com um brilho que remetia ao amor próprio. Desde aquela noite, ele nunca mais dera notícias.

Ainda naquela madrugada o monge, sem conseguir nem piscar o olho, tentou dissipar de sua mente a vinda do irmão, mas tal tarefa findara em pó. Agora, a seca havia se abatido sobre ele. Os seus sentimentos pareciam sem vida, como se agonizassem numa terra estéril. O Irmão Joaquim carregava em si o pecado da omissão e já se via perpetuamente condenado a ficar no purgatório, pensando na inutilidade de sua existência, tal qual Dante idealizou em seus escritos.

Ao longe, finalmente o monge avistou uma casinha escura, que parecia ser o seu ponto de destino. Tal moradia ficava às margens do velho açude, que os homens das redondezas consideravam assombrado. Pensando então em arriscar a sorte, ele jogou uma moeda para o fundo do açude, fazendo logo uma piedosa prece a Deus para que o seu irmão aparescesse. Nessa exata hora, o filho da parteira, chamado Tião, observava toda aquela cena à distância, achando que o padre jogara no rio um talismã poderoso, capaz de acabar com a assombração do açude.



CAPÍTULO SÉTIMO: O DESCONHECIDO É O PAI DE TODAS AS LENDAS

No terreiro de casa, Tião ficava a contemplar o pôr do sol, acreditando que sua amada também via aquela mesma cena. Imaginava que desse modo conseguia aproximar-se dela, entrelaçando seus destinos num único fragmento do tempo. Repetidas vezes, Tião indagava-se o porquê daquele amor tão forte, que parecia se multiplicar em todo minuto. Ele trajava, desde o início de sua paixão, as mesmas vestes peculiares, quais sejam: uma calça e uma camisa azuis, sempre azuis. Tal cor para ele representava sua pureza, cujo significado vislumbrava o respeito em relação à sua cara metade. Contudo, o amor de Tião, como que fizesse jus à essência de todo grande amor, era proibido, nutrindo-se sem a aprovação de sua família. Ele, por sinal, com isso não se preocupava. No seu íntimo, sabia que um dia seus parentes cederiam, aceitando finalmente o imutável fato.

Por sua vez, sua mãe Dona Luzia, a parteira do vilarejo, desgostava profundamente desse enlace amoroso. Ela reparava que, desde pequenino, o filho se mostrava diferente das outras crianças. Tião tinha um andar atarantado, não olhava para os lados e parecia sempre compenetrado, como se estivesse preso em uma dimensão paralela. Como uma boa genitora, ela tentou resgatá-lo desse lugar inacessível, recorrendo inclusive a alguns auxílios, que lhe ensinaram como levar o menino a várias rezadeiras para que o benzessem. Mas, seu filho continuava com seu jeito pouco convencional, até que, quando completou 17 anos, ele trouxe uma novidade para casa que exigia fé dos ouvintes: o garoto arranjava uma namorada desconhecida que em honra a Nossa Senhora vestia apenas azul e somente se apresentaria no dia em que o açude velho sangrasses.

Assim, mesmo sem chover, Tião teimava em ir logo cedo pela manhã espiar o açude do Coronel Feitosa, na acalentada esperança de que um dia ele o veria cheio, a tal ponto que suas águas transbordassem, trazendo de suas profundezas a sua amada celeste.

Já cansada das invenções do filho, Comadre Luzia havia perdido a conta de quantos conjuntos de camisas e calças azuis encomendara à Dona Rita para que ela os costurasse. Afora o cansaço, o peito daquela mãe angustiava-se sempre que presenciava algum morador da vila zombar impiedosamente do seu filho e, por isso, Comadre Luzia também desejava intimamente que o milagre da aparição da sua nora misteriosa realmente acontecesse. Por vezes, ela repetia para si mesma:

- Quem sabe? Para Deus nada é impossível!

Naquela tarde, estranhamente Tião não falara sobre a sua doce namorada. Veio com um caso que espantou a todos: disse ele que, quando passava pelo velho açude para ver o nível da água, surpreendeu-se com o monge estrangeiro jogando lá no fundo um talismã brilhante que nunca vira em sua vida. Ele notara que tão logo o objeto atingiu o porão do açude de imediato as águas ficaram tranquilas, quase paradas e inesperadamente o barulho do menino chorando cessou.

As pessoas que estavam ao seu redor, quando escutaram o testemunho de Tião, ficaram perplexas, questionando se o tal padre estrangeiro havia conseguido mesmo essa façanha ou se o filho da parteira tinha ficado louco de vez. Alguns acreditaram no garoto, pois sabiam da assombração que perseguia o açude do Coronel Feitosa. Recordavam-se com terror das várias histórias que ouviam de seus antepassados sobre uma criança pequena que, por estar perdida, acabou morrendo no velho açude afogada. Como o corpo foi deixado submerso nas águas, sem ser

dignamente enterrada, a criança toda noite chorava como sinal aos vivos da sua dor.

Outros incrédulos, para confirmarem a notícia de Tião, se dirigiram até o velho açude e voltaram atordoados com o silêncio que lá imperava. A partir desse instante, em todas as bocas do vilarejo, o monge português passara a ser conhecido em toda região como um feiticeiro ou até santo. O encantado Sertão tecia em seus dias mais uma lenda.

Enquanto os moradores da vila permaneciam nos tabuleiros, contando estórias que aos ouvidos prudentes pareciam ser mais uma lantomia, um peão, recém-contratado da Fazenda Recanto, aproveitando-se do entardecer, se dispôs a consumir um plano bem arquitetado: roubar a filha caçula do Coronel Feitosa, que era a moça mais vistosa do lugar. Aninha, cortejada por quase todos os rapazes, tinha a sua mão até já prometida para um doutor da capital. Mas, a disparatada da menina dizia que suas mãos não eram feitas para a submissão de ser enfeite em jantares de madames. Não queria ser acessório de doutor da cidade grande. Ela queria descobrir grandes aventuras e foi justamente por isso que acabara se apaixonando pelo peão novato do seu pai no exato dia em que ele domou um touro bravo. Dessa maneira, o homem, chamado Honório, quando percebeu o olhar de ternura da moça, combinou logo com ela de fugirem para terras distantes onde o Coronel nunca os encontraria.

- O jeito que tem é lhe roubar! – disse o peão com pulso firme.

- Só se for agora! - respondeu sem pestanejar a senhorinha.

Foi então que o homem saiu numa carreira desatinada. Ele sabia que podia levar a moça para a casa de seu tio, deixando-a guardada até a chegada do padre, que abençoaria a união. Contudo, só faltava uma coisa a ser resolvida: conseguir um animal para a fuga, já que seria desonroso usar um dos cavalos do Coronel. Com isso, apressou-se em sair pela estrada com a certeza de que pegaria o primeiro bicho que visse para o intento.

- Vou achar um animal para fugir. Fique escondida perto do oitão da casa! – ajustou o peão para a moça.

A passos largos, o peão caminhou por alguns minutos até se deparar com um jumentinho que, apesar de sua pouca pelagem, parecia possuir destreza para cumprir o trato. Com movimentos rasteiros para não fazer barulho, o homem arrancou à força o animal do pequeno cercado e rapidamente o montou.

O jumento Campeão ainda estava atordoadado. Mal havia acordado do seu sono e já sentia brutos solavancos de um desconhecido, não ima-

ginando o que lhe acontecia. Ele sabia que o estranho não era da família Lins e, portanto, não devia cumprir suas ordens. Todavia, ao ver o homem armado, o jumento pensou que fosse um cangaceiro, desses que por vezes assustava a região, e assim achou por bem obedecer ao seu mando. Nessa hora ele percebeu que estava sendo raptado, por isso, tentou deixar uma marca ou sinal para que seu dono percebesse o ocorrido, mas não conseguiu fazer isso a tempo.

Com as patas trêmulas, Campeão partiu sem querer com aquele desafortunado, clamando, em seus pensamentos, que a menina por ser bastante esperta desse logo por sua falta e assim viesse salvá-lo daquele perigo. Após andar poucas léguas, o jumento observou que uma moça bem-afeiçoada, de aspecto requintado, estava no oitão de uma grande casa esperando por eles. O homem, ao se aproximar da jovem, de prontidão a beijou demoradamente. Campeão então abaixou as orelhas, cobrindo com elas os seus olhos, pois sabia que não tinha idade para ver aquelas coisas de gente grande. O casal logo subiu em suas costas e, por meio de mais solavancos, exigiu uma carreira dali.

Quando já estavam andando em outras terras, Campeão teve uma sensação de estar sendo seguido, deu uma olhadinha de rabo de olho para trás e viu que dois sujeitos de caras bem ranzinzas estavam com espingardas apontadas para ele. Para preservar sua vida, o jumento correu o mais veloz que aguentou, mas quando ele dobrava a esquerda de uma serra sentiu um impacto forte na barriga, que tomou conta de todo o seu corpo em forma de dor. Logo olhou para o chão e notou umas poças de sangue alastradas ao seu redor.

Campeão havia sido atingido por um tiro. O casal, ao vê-lo naquele triste estado, fugiu pela mata fechada, abandonando o pobre animal para morrer à mingua ali no meio do nada. Por que os humanos descartavam justamente aqueles que mais os serviam? De repente, o jumento percebeu que a sua vista estava escurecendo, ouviu ao longe uma voz que pensou ser de um anjo. Ele de súbito pensou que devia ser a sua menina. Somente a heroína sertaneja Ana Laura de La Mancha poderia salvá-lo desse suplício.

Os olhos de Ana Laura demoravam-se no seu jumentinho. Ela não acreditava que os homens fossem capazes de tamanha maldade. Por que atentaram contra a vida de Campeão? Qual o crime que ele praticou para sofrer essa punição? Os questionamentos inquietavam os pensamentos da menina. Ela até estava na escola quando Zequinha chegou desafortado gritando o acontecido: Campeão foi roubado junto com a filha do

Coronel! Ana Laura ficara espantada com a notícia. Ela não podia compreender o porquê daquele sequestro, já que seu jumento não possuía dotes, nem ouro para dar em troca do resgate.

Apesar de ainda continuar em regime de castigo, a menina não pensou duas vezes e logo ordenou ao amigo que precisavam sair para resgatar Campeão, pois não cometeria o grave pecado da omissão, tão bem explicado pelo Irmão Joaquim. Dessa feita, ela precisava da ajuda de Zequinha que, por ser filho de vaqueiro, bem montava e conhecia todos os percalços daquelas estradas. Assim, deixaram às escondidas a escola e partiram a cavalo rumo ao paradeiro do pequeno Campeão.

À boca da noite, depois de incontáveis passos, os meninos já cansados viram deitado num mato ralo perto da serra o jumentinho, que parecia estar agonizando. Ele nem conseguiu relinchar como de costume fazia quando via Ana Laura. Descendo num pulo, a menina logo notara que seu animal com aspecto abatido estava ferido e, em razão disso, teve a seguinte ideia:

- Zequinha, vá buscar ajuda! Eu fico com Campeão, pois você consegue chegar mais rápido que eu lá em casa!

- E eu vou deixar você sozinha aqui? Nam... Pode lhe acontecer algum mal! – respondeu Zequinha.

- Sei não... E eu pedi para você ficar aqui comigo! Vá logo, porque se Campeão morrer a culpa será sua! - provocou a menina.

As horas se passavam. A escuridão cada vez mais cobria todo o horizonte, enquanto que uma rasga mortalha sobrevoava o céu, fazendo um grito desconcertante. Seria por acaso o sinal de que Campeão iria morrer? Ana Laura já estava atormentada com a demora de Zequinha. Ela já começava a sentir medo da noite sombria e, como se não bastasse, ainda sofria imaginando que o seu jumentinho não resistiria a tamanha espera. A menina via que o ferimento do seu animal era grave e que ele havia perdido muito sangue. Tentando espantar as sombras da morte que pareciam chegar perto dela, Ana Laura começou então a falar mais intensamente com seu amigo Campeão, suplicando-lhe que lutasse por sua vida e que não a deixasse sozinha naquele lugar.

Sentindo-se cansada, a menina decidiu confortar a sua cabeça perto do seu animal. Ela percebia que seus olhos estavam pesados, quase se fechando aos pouquinhos e sem resistir acabou adormecendo ali mesmo. Campeão, apesar de sofrer com terríveis dores, fez de imediato um silêncio, evitando entoar seus gemidos ao notar que sua amiga caiu em profundo sono.

De repente, um feixe de luz bem brilhante começa a surgir no meio da escuridão. Campeão que, por causa dos ferimentos não conseguira dormir, vê logo ao longe a misteriosa luz vindo da estrada de terra batida. No intuito de acordar a sua amiga, ele então mexe uma de suas patas. Nesse momento, Ana Laura desperta e, ouvindo as vozes do seu pai e de Zequinha, grita bem alto por eles. Finalmente o socorro tão ansiado chegara. A esperança continuava a caminhar pelas redondezas.



CAPÍTULO OITAVO: UM ACHADO NA PERDA

Só quando Seu Lins, tonto de preocupação, viu Ana Laura debruçada sobre o jumentinho ensanguentado, entendeu o que se passava naquele momento. Ele até tentou mostrar-se a ela com uma face sisuda, mas não conteve sua admiração pela bravura da filha e logo expressou um sorriso faceiro, desses que surgiam sempre que ela aprontava mais uma de suas travessuras. Estendeu então os braços à menina e a apertou contra o seu peito, dizendo:

- Vai dar tudo certo, viu!

Com cuidado, Seu Lins e Zequinha colocaram Campeão em cima de um carro de boi e o trouxeram para o seu pequeno cercado, onde o jumento permaneceu imobilizado, à espera, de que Dona Rita encontrasse uma boa agulha resistente que servisse para operar o animal. Depois de quase duas horas, Seu Lins, com a ajuda da filha, conseguiu felizmente extrair a bala, contendo a temida hemorragia.

- Agora só resta esperar! - enfatizou o homem.

Tudo estava amargo naquela noite. Havia um ar de tristeza. Ana Laura que, não se afastava um minuto do seu jumentinho, chorava com as mãos no rosto e entre soluços pedia à mãe que mandasse chamar o monge português, pois achava que somente ele podia salvar o seu animal da morte. Todavia, Dona Rita com sua visão de uma experiente mulher

sertaneja constatava que os anseios da menina representavam uma insanidade:

- Onde já se viu isso: um santo querer salvar um jumento?

Sem conseguir permanecer parado, Seu Lins se aproximando da filha pousou o braço sobre seus ombros e calmamente falou:

- Filha, vá logo se deitar! Pode deixar que amanhã cedinho, antes de ir pro trabalho, deixo um recado pra o padre passar aqui!

Ana Laura então se ergueu e saiu correndo para a casa, pensando em quais maneiras de espantar as sombras da morte que rodeavam Campeão. Por sua vez, Dona Rita, muito a contragosto, acabou concordando com a decisão do marido, embora achasse que a salvação de um animal fosse tarefa menor para um santo padre.

Era pouco antes das três da madrugada quando Seu Lins saiu em direção à Capela Santa Ana, onde o monge residia desde que chegara ao vilarejo. Ana Laura, escondida da mãe, pois Dona Rita havia imposto a ordem irrevogável de dormir, espiava o pai pela janela. Ela reparava que apenas Seu Lins e o sol seguiam na estrada, numa marcha silenciosa. Parecia que seu pai acompanhava harmoniosamente o sol que resplandecia vigoroso acima da cabeça do agricultor.

Já eram quase seis da manhã quando Ana Laura suplicava à mãe que lhe deixasse ir logo ver o estado de saúde de Campeão. Sabendo que não escaparia das insistências da filha, Dona Rita não seguiu seu costume de pela manhã separar as roupas de costurar. Ela pegou, com pressa, a mão da menina e juntas caminharam para o cercado. Ao observar de perto o seu animal, Ana Laura assustou-se. Campeão estava tão debilitado que nem conseguia mais levantar a cabeça. Parecia que o seu sopro de vida estava aos poucos se esvaindo. Foi com desespero que a menina se lamentou:

- Mamãe, eu sei que Campeão vai morrer, só por causa daquele padre Joaquim que não apareceu aqui!

A combinação de pronome demonstrativo com o prenome do monge indicava visivelmente que Ana Laura estava magoada com o amigo estrangeiro; afinal, como já se foi alertado, no Sertão os nomes próprios nascem sozinhos, sem companheiras.

- Oh, menina de pouca fé! – retrucou Dona Rita, disfarçando a pena que sentia de ver o jumentinho em nítido sofrimento.

Enquanto Ana Laura lutava contra a sua revolta, o seu jumento Campeão resistia em fechar os seus graúdos olhos, na tentativa de continuar tendo o deleite de ver o brilho que incandescia daquela que verda-

deiramente tinha lhe dedicado um laço de amizade fiel. Campeão tinha experimentado uma vida de tantos sacrifícios, sempre sofrendo com a crueldade dos homens, que o exploravam para tão logo o renegarem. Quantas vezes ele tinha sido obrigado a carregar em suas costas um peso quase insuportável, sem que no final nem um gole de água lhe oferecessem? Mas Deus, como se ouvisse suas preces, ofertou a ele, por meio de umas mãozinhas generosas e uma coragem maior que o mundo, a chance de novamente ter esperanças na bondade dos homens. Campeão, naquele momento, sabia que se acaso fosse chegada a hora de sua partida ele morreria apaziguado, olhando para Ana Laura que, apesar da pouca idade, tinha representado para o animal a beleza de uma manhã iluminada, com cheiro de dias melhores.

Com o atraso de horas, o Irmão Joaquim chegava à casa dos Lins sem saber bem o porquê da sua ida, já que nada fora mencionado por Seu Lins. Ele logo estranhou não ver ninguém pelos arredores, mas se reconfortou ao ouvir a fala da menina, que parecia vir de um lugar próximo, como se ficasse a poucos metros dali.

- Só pode ser do cercado! – pensou o monge.

A pobre criança maldizia a pouca sorte do seu jumento e esbravejava pensando na maldade dos homens que, a troco de nada, desrespeitavam o que possuíam de mais sagrado: a vida. Quando ela já percorria o caminho para a casa, a fim de buscar um lençol que servisse para aquecer Campeão, Ana Laura escutou uma voz gritar por seu nome. Era o monge Joaquim, que lhe sorria com grande afago. A esperança novamente bradava mais alto, irradiando o seu poder de tornar os dissabores da vida tão leves quanto uma pena.

- Padre Joaquim, eu pensei que nem viria mais! – provocou a menina.

- O chamado de um amigo é um pedido de Deus! – defendeu-se o homem.

- Pois então, com esse seu jeito devagar, o senhor deixa até Deus impaciente! – revidou a criança.

Com olhos postos em Ana Laura, o monge soltou uma gargalhada irreconhecível, estampando no rosto um sinal de contentamento. E logo indagou:

- Pequena, o que aconteceu contigo? Tu pareces tão aflita?

- Ora, padre! E o senhor não sabe? Cometeram uma injustiça com Campeão! Atentaram contra a vida dele! – queixou-se a menina.

Foi quando o monge, absorto em seus pensamentos, lembrou-se da estória que ouvira da beata Dora sobre a fuga da filha do Coronel Feitosa com um peão da Fazenda. O amor às vezes ensandecia os homens, causando destemperos à vida de desprotegidos inocentes. Para ele o amor carnal, tão citado em poemas e rimas, parecia mais com um sentimento miraculoso, quase surreal. O velho padre, por feliz escolha, nunca o vivera, por isso o julgava como algo desconhecido. Hoje, em idade madura, ele sabia que o amor mais nobre era aquele que batia a nossa porta em forma de amizade.

- Vamos ver então o teu injustiçado jumentinho! - ordenou o padre.

Ali naquela manhã alaranjada, o frade, após saudar Dona Rita, ficou comovido com a gravidade dos ferimentos de Campeão. Comumente, os animais padeciam sob o jugo de homens impiedosos. O pequeno jumento estava a agonizar, vitimado por uma ação humana de ódio.

- Pois bem Ana Laura! A injustiça costuma pairar em nossas cabeças, mas cabe a nós afugentá-la com um ato milagroso, capaz de curar males! – disse o monge.

- Um ato? É algum poder especial que o senhor tem? Qual é?

- Criança, eu não tenho poder algum. Que invenções são essas? – questionou o padre.

- É que eu ouvi lá na Fazenda que o senhor é um grande mago! Mas para mim não foi surpresa. Eu até que já desconfiava...

- Se tu conseguisses ver-me, ver bem como sou, perceberias o quanto de humano carrego. Tenho uma alma comum e até pequena, mas que se engrandece na busca pela infinitude divina. Por vezes, em momentos reflexivos de contato íntimo com a natureza, consigo até ouvir um breve sussurrar de Deus no cantar do vento, que sopra forte os galhos das árvores.

- Ouve tu! Mas só ouvirás se o teu coração verdadeiramente for simples! – convidou o monge enquanto o vento deslizava no ar.

- Eu só ouço o ruído do vento! – disse Ana Laura.

- Isso acontece às vezes comigo! – declarou entre risos o velho monge.

- Compreende menina! Quando o teu coração estiver entregue a um estado de profunda calma, impermeável aos desassossegos do mundo, então tu finalmente sentirás a presença da imensidão do amor de Deus – explicou o padre.

- Agora entendi! Mamãe disse que eu puxei ao meu avô, porque ela me acha meio rancorosa, mas é que tenho raiva de coisas injustas, sabe? - revelou a criança.

- O rancor corrói o sossego de nossas almas, tal qual veneno contaminando as nossas veias. É preciso que tu experimentes contra ele um infalível antídoto, que te curará desse grave mal!

- Mas como? Ah! Já sei! É com o tal ato misterioso, acertei? – indagou Ana Laura.

- Sim! Só esse ato é capaz de aproximar os que guardam no peito discórdia! Trazendo paz aos corações humanos. É, pois, o tão necessário ato de perdoar! - ensinou o padre.

- Padre, sabe o que é? Perdoar não parece ser fácil. Às vezes tudo é tão injusto – lamentou a criança.

- O ato de perdoar se concretiza quando estendemos a nossa visão para os outros irmãos, por isso é tarefa tão áspera aos homens. Contudo, isso deve ser sempre buscado, já que, por ser uma boa ação, o perdão eleva os nossos espíritos na medida em que nos reconcilia com aquilo que antes era causa de espinhosa inquietação – alertou o padre.

- Perdoar não é um ato menor, marcado pela desesperança ou pela hipocrisia. Nem é a demissão da justiça. É uma forma de engrandecimento, que nos permite a dádiva de convivermos uns com os outros, apesar de sermos quem somos – concluiu.

Admirada com aqueles dizeres tão pomposos, a menina pôs-se a uma breve reflexão e retrucou com aquele seu jeito peculiar:

- Eu vou tentar perdoar. Mas é que, no caso de Campeão, parece que eu não consigo parar de pensar. E se ele morrer? – provocou a menina.

Sem fôlego, o Irmão Joaquim levantou a cabeça e olhou firme para Ana Laura, dizendo:

- A morte do teu amigo tornaria o sabor da injustiça mais intragável. Porém, ainda caber-te-ia escolher o fim da ação danosa. Tu deixar-te-ias contaminar, permitindo o nascer de uma amargurada Ana Laura a partir do mal feito por pessoas sem coração?

- Ouve bem pequena: Quando eu acabara de ingressar no mosteiro, observei que, em uma das estantes da ala leste, continuamente faltava um livro. Averigüei no dia seguinte o acervo e, mesmo assim, não consegui desvendar esse mistério. Até que dias depois, encontrei-me com o Abade e ele me confidenciara que o tal livro não parava em nossas estantes porque os monges sempre o procuravam com afincos. Era uma famosa obra literária francesa, de nome Os Miseráveis, publicada em 1862, pelo

escritor Victor Hugo, cuja genialidade era fantástica. Pois bem, esse livro narra a história de um homem injustiçado, chamado Jean Valjean, que por roubar um pão para saciar a fome de seus sete sobrinhos, fora condenado a passar dezenove anos em regime de trabalhos forçados. Apesar dessa terrível injustiça que se abatera sobre ele, Jean motivado por um ato de bondade de um benevolente bispo decidiu seguir uma vida de retidão e altruísmo, adotando uma criança quase órfã, que vivia sofrendo maus-tratos na casa de uma família ambiciosa.

- Que história bonita! – disse a menina com olhar de deslumbramento.

- Tu compreendes agora que as injustiças, apesar de serem massacrantes às nossas almas, não devem ser causa de disseminação de outros males. Em razão disso, peço-te uma coisa: tu seguirás firme no propósito de fazer o bem, embora que tu encontres pelo caminho grandes dificuldades.

- Sim, senhor padre! Eu farei o que é certo! Não quero guardar esse mal dentro do meu coração! Agora mesmo vou escrever um bilheteinho para a filha do Coronel Feiosa. Vou pedir para papai entregar lá na Fazenda, pois sei que um dia ela voltará à casa do pai! – prometeu a criança.

- Ana Laura, o nome certo do coronel é Feitosa! - disse o monge tentando disfarçar sua face risonha.

- Isso, isso! É do jeito que o senhor falou! – respondeu a menina.

Naquele instante, o monge sentiu um despontar de esperança no mundo. O bem podia ser difundido aos pequenos. Era, no entanto, necessário o comprometimento dos adultos de serem sujeitos propagadores de uma conduta mais humanizada, baseada em pilares éticos. Quando olhou para o céu, o homem se deu conta de como o tempo havia passado rapidamente. Lembrou-se logo de regressar para a capela. Lá, ele tinha diversos afazeres a terminar.

- Ana Laura, tenho de ir! Peço desculpas a tua mãe, mas não poderei ficar para o almoço. E tenhas fé! Penso que o teu jumentinho em breve se recuperará! – despediu-se com carinho.

O sol já estava mais reluzente com o seu clarão, que parecia bater nas faces com uma mão fechada. A menina então saiu apressada, já imaginando quais as palavras que transporia para o papel em branco. Ela estava determinada a perdoar os malfetores de Campeão, que nunca se dignaram a dar notícias.

Segurando o lápis na pontinha dos dedos, Ana Laura começou a rabiscar umas palavras. De início, ela ficou em dúvida se contava na cartinha o quanto havia sofrido pelo rapto do seu jumentinho ou se escreveria apenas sobre o pedido de perdão. Achou por bem narrar logo o caso todinho, pois ela não conseguia aprisionar as letras. Elas pareciam ter vida, como se não fossem seres inanimados. A menina foi juntando cada sílaba até que de repente havia inesperadamente um amontoado de frases e orações. Ao terminar, Ana Laura percebeu que, graças às letras, o mal não se espalharia, somente a bondade poderia ser semeada ao vento.



CAPÍTULO NONO: O ESTAR EM MIM.

A missa na capelinha de Santana já estava quase começando. Eram precisamente quase cinco horas da tarde. Os fiéis chegavam devagar e logo se sentavam nos bancos de madeira, doados pela esposa do Coronel Feitosa. O monge Joaquim continuava olhando pela sacristia a entrada dos devotos. Como ele gostava daquele momento! Observava as singularidades de cada pessoa. Podia ser um modo de andar meio diferente, um jeito de se sentar torto no banco ou de se fazer apressado o sinal da cruz. Não importava!

Dentro da capela, as crianças corriam. A vida persistia teimosamente através da leveza dos pequenos. Afinal, como sempre dizia Guilherme:

- A vida é mais teimosa que a morte.

A vida vencia a morte por pura pirraça. Quando certa vez o prefeito da cidade natal do monge anunciou apoio a Salazar em um comício público, Guilherme no meio da multidão gritou com tom firme:

- Traidor do povo! Abaixo a ditadura!

Nesse instante, os pais dele ficaram travados como se fossem um tipo de rocha. Imaginaram de imediato que os homens da PIDE levariam o filho sem dó para o campo Tarrafal. Porém, o homem saiu com uma pérola do bolso:

- Antes de me prenderem, tenho um último pedido: quero ouvir um belo fado!

A bandinha de música encarregou-se então de atender ao oportuno pedido e, em meio aos sorrisos e agarrados dos casais que logo se formaram, Guilherme escapou do local ileso. A vida vence com as armas da pirraça! As faces sérias e fechadas eram derrotadas no nosso mundo sem tanta resistência. O riso é o pai do compasso da Terra.

- Monge, a missa já vai começar? – perguntou a beata Dora

- Sim, já está bem na hora!

Os pensamentos distantes agora estavam abandonados. A vocação o chamava pela porta da frente. O monge então se apressou em vestir uma batina de linho branco, bem nova, e se dirigiu ao altar. A igreja estava lotada. Todos se encontravam lá. O Coronel Feitosa permanecia de cabeça meio baixa, desde que a filha fugira sem destino. O filho da parteira estava vestido de azul, e com um terço na mão. Apenas a Família Lins se ausentava. O monge olhou bem ao fundo, perto da porta e viu uma menina meio parecida com Ana Laura. Onde estaria sua amiga à uma hora dessas? Talvez estivesse com os pais tentando salvar o pobre jumentinho, machucado pela irresponsabilidade humana.

Em casa, Ana Laura já tinha juntado todas as flores silvestres que encontrara por perto. Ela tinha plena convicção de que uma poção, feita com o perfume adocicado das plantas, inundaria as narinas do jumentinho, de tal modo que o faria sentir-se mais vivo apesar do estado de sua saúde. Porém, a menina se inquietava por não conseguir completar o seu milagroso buquê sertanejo: faltava ainda achar a flor do mandacaru. Ela já havia tentado mais de três vezes avistar a tal flor, mas não a encontrava de jeito nenhum.

- Mamãe, porque eu não acho a flor do mandacaru?

- Filha, já disse a você que na seca não brota. Só em tempo de inverno.

- Mãe, mas eu preciso dela! Sem essa flor Campeão não vai melhorar!

- Essa menina tudo inventa! Isso é culpa do seu pai! Por que não aperreia ele logo?

Com as mãos ágeis, Seu Lins estava tentando ajeitar a cerca, que outra vez se rompera com um vento forte. Passava a vista no horizonte quando percebeu que Ana Laura vinha saindo de casa correndo em sua direção.

- Papai, eu preciso salvar Campeão! – disse a menina.

- Mas olhe: ele vai se salvar! Tenha fé, viu? Tudo na vida tem um jeito!

- Eu sei que vai! Mas para isso, eu preciso achar a flor do mandacaru. Só falta ela pra completar a minha poção da cura.

- E agora você virou rezadeira? Ou algum tipo de feiticeira?

- Nada disso! O senhor foi quem falou que a natureza gerava vida. E então? As plantas podem devolver a vida ao meu amigo Campeão!

- Hum! Você agora pegou o seu pai na palavra! Vamos logo procurar essa flor.

- Agora avalie só: a gente pode não achar nada, porque ainda não é inverno!

O sol já estava quase se despedindo do horizonte quando pai e filha se embrenharam dentro da caatinga, em busca da flor preciosa, que segundo a menina era a chave para a cura do seu jumentinho. Seu Lins, após uma caminhada por perto do Rio Mulungu, decidiu se destinar na mata fechada da Serra da Cigarra.

- Papai, é verdade que lá nessa Serra da Cigarra ninguém trabalha? – perguntou Ana Laura

- Acho que lá é onde se trabalha mais! Todos os animais que vivem pela Serra da Cigarra precisam trabalhar muito para poderem sobreviver.

- Mas até as cigarras trabalham? E a estória que eu ouvi na escola que elas apenas cantavam?

- Minha filha, preste atenção numa coisa: na vida ninguém percebe os passos que você deu para poder ter um lugar ao sol!

Já dentro da Serra da Cigarra, a menina foi observando um fiapo de água que descia pelos rochedos. Era a nascente do rio, que como todo o principiar de vida, nascia frágil para somente depois se fortalecer. Havia também tantas carnaubeiras que a vista se perdia somente em olhá-las. Era interessante que alguns passarinhos de quando em quando se abrigavam nelas e depois partiam sem darem satisfação.

- Minha filha, acho que a gente não vai encontrar essa florzinha! O tempo de seca ainda não passou!

- Mas Papai, eu não quero ir sem levar a flor do mandacaru!

- Então vamos dar uma última espiada. Se a gente não achar nada dessa vez, voltamos logo pra casa, viu?

- Tá certo, Papai!

Subindo ainda mais a Serra, os dois começaram a ver todo o vilarejo. Bem lá do alto, a visão banhava os olhos de tanta beleza. As casinhas pareciam tão pequeninas, cercadas pelo contorno do rio, que agora tinha o formato de uma longa serpente. A vegetação rasteira desembocava numa planura cinza, quase esbranquiçada.

- Nossa! Que vista bonita! – disse a menina

- Pode começar a agradecer a Deus e à sua teimosia!

- Por que Papai? Não entendi!

- Olhe lá embaixo, entre o finalzinho da Serra e a boca do rio! Veja umas flores bem abertas! É a dita flor do mandacaru! Olhe lá! Agora eu posso apostar que vai ter inverno nesse ano!

- Upa! Não acredito! Então vamos logo pegar! Eu tenho que dar depressa a poção para Campeão!

A menina então saiu desatou os passos numa carreira, já imaginando que a cura de Campeão estava cada vez mais próxima. Seu Lins correu para acompanhá-la e logo se viu na solitária cabeceira do Rio Mungu, que certamente era um lugar pouco visitado pelos moradores da região desde aquele acontecimento.

- Ana Laura, fique perto de mim! Não se afaste menina!

Na verdade, a preocupação de Seu Lins tinha um motivo. Naquele local havia uma lenda famosa de assombração, contada desde décadas passadas pelos mais antigos. Tanto era que quase ninguém se arriscava a ir à boca da noite para lá. Diziam que por ali vagava a alma de uma mulher sem coração, que tinha os pés acorrentados por grillhões. Parece que, segundo relatos, numa época não muito longe, a dita mulher quase todos os dias se dirigia ao rio para lavar roupas. Até que sem mais motivos, numa certa manhã, ela acabou por entrar no rio na ânsia de tomar um bom banho. Quando, então, já estava saindo das águas, percebeu que o seu coração não palpitava mais, de modo que ela não conseguia mais sequer senti-lo. Desesperada, a pobre mulher foi para o seu povoado e, chegando lá, procurou ajuda de todas as rezadeiras conhecidas, mas o valedicto continuava o mesmo: o coração dela havia ficado preso no rio e de lá nunca sairia, pois as águas não devolviam o que suas correntezas levavam.

Sem coração, a mulher perdera o gosto pela vida. Ela não possuía mais sentimentos, quaisquer que fossem. Amor ou raiva, tristeza ou alegria, nada mais era sentido por ela. Sua casa, antes tão arrumadinha, agora se vestia de abandono. As dimensões eram extensas para quem morava sozinha e, sem os cuidados diários, aquele lugar exalava um odor que lembrava coisas antigas; talvez o mofo que se acumulava nos cômodos, bem como a pouca luz que lá entrava, deixava um aspecto de escuridão para os que adentravam no local.

Depois que a mulher perdera o coração, alguns moradores não acreditavam muito no ocorrido e se questionavam como o ser humano podia viver de tal modo. Mas, a rezadeira mais velha do povoado sempre esclarecia:

- Muitos humanos hoje em dia também não têm coração!

Durante meses, as pessoas do local já tinham até esquecido que a tal mulher vivia sem um coração; contudo, o peito vazio ainda a atormentava. A infeliz moça então encasquetou uma ideia desde o momento em que percebera que não mais se emocionava com o nascer do sol. A beleza do horizonte estendida em frente aos seus olhos e ela lá indiferente a tudo, sem mais perceber as verdades que somente o coração transcendia. Ela se portava feito máquina. Numa tarde meio nublada, a pobre mulher, sem aguentar mais viver em estado de permanente dormência, decidiu que era hora de ir prestar contas com o rio.

- Hoje o rio me devolve o que ele me roubou! Ele vai ter que trazer meu coração de volta!

Partiu logo em direção ao malvado rio, na esperança de que ele se compadeceria com o seu sofrimento. Ela desejava sentir novamente. Podia sentir-se feliz ou até infeliz de uma tristeza meio branda. Todavia, a sabedoria das antigas mulheres era sagrada! O rio não entrega o que foi levado. Assim, a mulher, sem conseguir receber o seu coração de volta, se jogou nas volúveis correntezas do rio. Quem sabe lá, bem no fundo do rio, ela encontraria o seu coração raptado. O seu corpo foi cada vez mais adentrando nas águas, até que ninguém nunca mais o viu.

No dia seguinte, os vizinhos julgaram estranha a ausência repentina da mulher, alguns batiam à porta, mas só o silêncio respondia. Ela também não mais havia saído para varrer a calçada da casa. Talvez ela tivesse ido se consultar na capital. Quando ninguém ouviu mais notícias da mulher, um menino revelou que a tinha visto entrando no rio ainda no dia anterior, precisamente à tardinha. Foram então até o local indicado pelo garoto, mas chegando lá nada foi encontrado. Nesse instante, perceberam

que o rio completara a sua sina: levava primeiro o coração da mulher e depois o corpo todo.

Escurecida a noite, Seu Lins tratou logo de colocar Ana Laura nos ombros para assim sair mais facilmente daquele lugar. Tinha medo de se perder na mata e também já sabia que Dona Rita devia estar em casa morrendo de aflição pelo adiantar das horas. De passos apressados, iniciou a caminhada de volta para casa, pensando que, apesar da trabalhadeira, ele havia feito uma boa descoberta: naquele ano haveria de ter inverno e dos grandes, pois a flor do mandacaru não mentia.

De repente, Campeão emite um gemido tão fino, quase suave como se fosse o derradeiro suspiro. Dona Rita o encoberta ainda mais, imaginando que ele deveria sentir frio. Mas percebeu que o animal virou o olhar para o lado de fora. Era a menina que chegava numa carreira, com umas belas flores na mão.

- Campeão, não morra! Eu vou te dar a poção mágica!

- Que poção é essa? Ainda tá com essas invenções? – retrucou

Dona Rita

- Mamãe, a senhora tem que confiar em mim. Eu achei a flor.

Agora Campeão vai ser salvo!

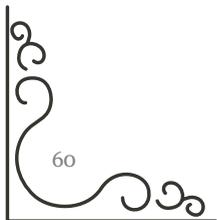
Com os dedinhos enfileirados, a menina acrescentou as pétalas da flor do mandacaru na poção que já estava quase pronta e foi correndo passar no corpo do jumento, enquanto pedia para que ele a inalasse:

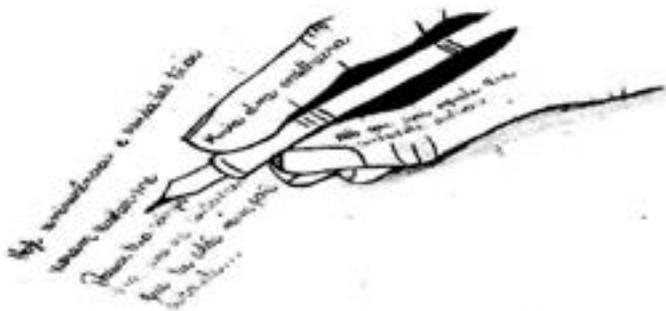
- Campeão, agora é com você! As flores vão te dar mais energia!

Profundamente comovida com a inocência da filha, Dona Rita abraçou a menina e deu um jeito de retirá-la dali a fim de levá-la para casa, onde ela pudesse descansar.

- Vamos entrar que eu vou lhe dar um bom banho! Deixe Campeão com o seu pai! Ele vai cuidar do seu jumentinho!

O banho de Ana Laura não foi como o de costume. Respingava esperança na pele molhada da menina. Decerto que o esperar de dias melhores molhava os seus pensamentos. Campeão viveria! Ele tinha que continuar a viver.





DÉCIMO: A REDENÇÃO EM FORMA DE PALAVRA.

As árvores estavam pálidas, como se tivessem sido pintadas em preto e branco. O castanho tão reluzente dos olhos de Ana Laura agora se vestia de um véu incolor, de aspecto murcho e seco. O que acontecera? De súbito, o monge teve a breve sensação de que o amigo estimado da criança havia morrido, pois o estado do animal era bem grave. Foi então que ele resolveu se aproximar de Ana Laura e, simultaneamente ao olhar em direção a ela, percebeu que a menina sofria um desalento que a dilacerava. Quis o monge logo perguntar o que se passara. Mas quando ele olhou novamente para a menina, notou com grande espanto que o seu rosto infantil se transformara na face do seu irmão desaparecido, que com lábios visivelmente trêmulos, questionava:

- Por que me abandonaste?

Quando voltou a si, o Irmão Joaquim observou que um novo dia nascera. Ele, mais uma vez, estava exausto e com a cabeça dolorida. Havia tido outro devaneio angustiante. Não aguentava mais o tormento de se deitar temendo que um novo pesadelo o visitasse no mundo dos sonhos.

Por sua vez, Ana Laura acordara naquela manhã extremamente ansiosa, desejando ver logo Campeão. A culpa havia roubado a sua paz, já que na semana passada a menina deixara de ficar com Dona Hannah para ir em busca da cura do seu jumentinho. Na companhia de sua mãe, a menina estava visitando quase todos os dias a solitária senhora. Carregando nos braços apenas dois livrinhos e na cabeça uma infinita vontade de fazer o bem, Ana Laura percebeu que a senhora estrangeira vivia completamente só. Os quartos da singela casinha de Dona Hannah, apesar de arrumados e limpos, estavam vazios. Nas paredes da sala, havia três quadros com fotos de parentes que partiram e que a essa altura eram fisicamente somente pó no pó. Parecia que tudo ali tinha perdido a vivacidade, como se no fundo refletisse uma saudade do que já fora vivido.

Pelos seus relatos, Dona Hannah contou que não tinha mais pais, nem sequer irmãos vivos. Eles repousavam há mais de 11 anos num cemitério em Hamburgo, no norte da Alemanha. A sua única parenta viva era uma prima que já beirava aos 60 anos e que morava em Praga. Nesse instante, Ana Laura observou que a tristeza invadia a feição de Dona Hannah e assim, ansiando distraí-la, a menina aproveitou a ocasião para narrar uma sábia fábula de Esopo chamada “O Cavalo e o Burro”. Tal história falava sobre um cavalo egoísta que, por não querer ajudar um pobre burro, adoecido pelo transporte de uma carga muito pesada, acabou por levar em suas costas todo o duro peso. Após tal leitura, a senhora solitária, com olhos de encantamento, evidenciou como se fosse decreto a moral da fábula:

- O egoísmo custa caro para à humanidade.

Ao ouvir a lição dada por Dona Hannah, Ana Laura percebeu que os seus dias eram, por vezes, aprisionados pelo egoísmo. Ela levava uma vida tão maravilhosa ao lado dos seus pais que nunca se dera conta das pessoas que sofriam perturbadores problemas. Por que não fora capaz de notar logo? Por que ela cultivou a omissão? Então pensou na solidão que aos poucos despedaçava aquela senhora, rodeada por lembranças de um tempo não mais vivido. Foi quando Ana Laura decidiu que algo podia ser feito. A mudança requer disposição! Pensou a menina, enquanto tentava rememorar uns versos do famoso escritor português Fernando Pessoa, acerca da perene inconstância de ser:

“Não sei quantas almas tenho.

Cada momento mudei.

Continuamente me estranho.

Nunca me vi nem achei.

De tanto ser, só tenho alma.

Quem tem alma não tem calma.

Quem vê é só o que vê,

Quem sente não é quem é.”

De agora em diante, Ana Laura se assumiria perante as outras pessoas com comprometimento. Não recuaria a esse chamado. Assim, ela seria capaz de combater a morte em vida de Dona Hannah com um simples gesto: a menina se lançaria na aventura de se fazer presente àquela idosa, ao menos nas manhãs de domingo, para que assim pudesse resgatá-la ao desejo de viver.

Com passos temerosos, Ana Laura afugentava seus pensamentos, agora se angustiando ao imaginar que Campeão, entristecido pela sua ausência durante a noite, poderia ter finalmente desvanecido. Criou então coragem e olhou para o cercado. Os olhos dela não acreditavam no que viam a sua frente. De imediato, a menina perturbou o espírito, tal qual faz um cientista ao detectar uma importante descoberta científica: o seu jumentinho, que parecia sentenciado à morte, estava milagrosamente em pé, fazendo relinchos de alegria como no passado.

- Campeão, eu num falei que a poção ia te salvar! – disse confiante a moleca.

O jumento, como se quisesse dar uma resposta, relinchou mais alto, exibindo com orgulho a marca de uma cruz que tinha na cernelha. Saltitando de alegria, Ana Laura chamou logo a mãe para ver aquele feito inacreditável:

- Mãe, venha ver Campeão! Ele se curou com minha poção!

Dona Rita, numa carreira desapiedada, saiu sem nem fechar a porta da frente:

- Ave Maria! É um milagre do santo padre! Bora mais eu na capela pra agradecer! E pare com essa ladainha de poção, viu? Isso é here-sia! Foi um milagre! - convocou Dona Rita.

Com vigor comparável ao de Sansão, o jumento Campeão compreendia bem a causa da restauração de sua saúde: o amor de sua amiga não o deixara partir. Ele sabia que o socorro imediato dado pela menina, o seu persistente zelo nas horas após a cirurgia e a sua grande fé na recuperação tinham sido cruciais para a perpetuação dos seus dias de vida. Agora, Campeão sabia que tinha uma dívida de gratidão impagável para com Ana Laura. Ele seria seu fiel escudeiro, não a abandonando em momento algum nas suas aventuras. Seguiria o exemplo de uma criatura de que a menina falava, chamado Rocinante, que acompanhava lealmente o decente Dom Quixote.

A gratidão é um sentimento urgente, dizia Dona Rita em muitas de suas prosas. Por essa razão, a jovem costureira arrumou logo Ana Laura, fazendo em suas belas madeixas uma trança de raiz comprida. Quando ficaram prontas, mãe e filha puseram os pés na estrada de terra batida. Iam em direção a capela de Santa Ana, visitar o monge que parecia ser o salvador de Campeão.

Ao fechar o portão da casa, Dona Rita mostrou um olhar altivo, que parecia caçar o horizonte. Ana Laura então começou a observá-la esmiuçadamente, enquanto escutava pelo caminho o canto animado dos tetéus e o chacoalhar ritmado das cabras. A menina via que Dona Rita tinha uma imagem iluminada, com um brilho de destemor próprio. Ela guardava no peito a valentia dos que não se acovardam. Certa vez, numa dessas tardes de sol quente, um homem estranho chegou inesperadamente na hora que Dona Rita preparava um café, com cheiro de lenha queimada. Ele começou a gritar alto, exigindo que alguém aparecesse ao portão. Como Seu Lins estava na lavoura, Dona Rita por precaução espiou o sujeito da janela para ver se o conhecia. Quando a jovem costureira o viu, reparou logo que o homem usava um chapéu com estrela, um lenço branco amarrado ao pescoço e ainda tinha anéis de ouro em quase todos os dedos. Foi quando Dona Rita estagnada desconfiou logo que fosse um cangaceiro.

Nos pequenos vilarejos, apesar dos seus calmos ares interiores, resguardam-se muitos perigos, advindos costumeiramente de seres quase sobrenaturais, que colecionam em suas andanças estórias fantasiosas ou miraculosas de seus feitos, como faziam os cangaceiros. Uns possuíam a sina de serem dignos justiceiros, tal qual o famoso português Zé do

Telhado. Outros carregavam a vontade gélida de disseminar a violência. Sem saber bem a intenção do estranho, Dona Rita, lá de dentro da casa, indagou:

- O que é que o senhor manda?

Nesse instante, o cangaceiro, sem gostar do gesto de atrevimento daquela mulher, pôs de imediato à mão sobre o seu facão, gritando:

- Nem quero saber sua graça! Passe tudo que tiver na casa que até posso poupar sua vida!

Nessa hora Dona Rita ordenou baixinho para que Ana Laura ficasse escondida debaixo da cama. A costureira se dirigiu ao quarto e pegou a espingarda que estava pendurada no armador de rede. Com a arma em punho, a mulher disse com postura firme:

- Então seja certo com o seu facão, porque senão eu faço o senhor ainda hoje prestar suas contas lá nos quintos dos infernos!

O cangaceiro, percebendo que estava em desvantagem em razão das armas, achou por bem não arriscar e visivelmente amedrontado balbuciou, enquanto montava o seu cavalo:

- Oxente! Que mulherzinha mais besta! Vá atanzar outro!

Quando era pouco mais de dez da manhã, Ana Laura e sua mãe chegaram finalmente à capelinha. O monge, ao vê-las, teve um presságio amargo de que o jumentinho havia morrido, mas manteve-se calado na teimosa esperança de haver uma boa nova.

- Desculpe chegar sem avisar, mas a gente precisava falar com o senhor!

- disse a Dona Rita.

- Estamos aqui para servir! - respondeu o monge.

- Graças ao senhor, Campeão está curado! Muito obrigada! - falou a menina, correndo para abraçar o padre.

- Glória a Deus por tamanha bênção! Ele é sim o verdadeiro autor desse milagre! - explicou o padre com nítida expressão de deslumbramento. E depois continuou:

- Não se devem desmerecer as bênçãos do Pai! A construção de uma verdadeira gratidão exige a consciência de se reconhecer que Ele e, somente por meio Dele, maravilhas podem acontecer nas nossas vidas. Sou, como já dito, apenas um servo imperfeito de Deus!

- Se o senhor quer assim, assim será! - declarou Ana Laura.

- O que anseio é por um reconhecimento humano da obra de Deus! E isso exige de nós um olhar devotado ao outro. Por isso, que tu

deves fazer uma ação de amor ao próximo em sinal de agradecimento. Já a fizeste? - indagou o monge.

- Há um tempão! Estou visitando Dona Hannah para lhe contar umas boas histórias. E depois vou ver Zequinha lá na casa dele!

- Vejo que finalmente estás crescendo!

Vendo o entusiasmo de Ana Laura, o monge voltou a se inebriar com as recordações do seu irmão, que quando criança vivia cercado por amigos de papel e tinta, não permitindo que ninguém os separasse dos seus livros por um minuto sequer. O seu corpo parecia ser alimentado por versos e rimas. Aquela tamanha erudição era tão desconcertante que causava um amor desmedido nas pessoas. Por sua vez, o monge era o avesso do irmão. Enquanto os olhos de Guilherme sempre refletiam imagens de amigos, o padre era solitário, de modo que, por muitos dias, ficava a ver em sua frente apenas a própria sombra. Talvez por isso a ausência de Guilherme parecia doer no peito dele, de igual medida à sensação de amputação de um membro.

Ao reparar no monge, Dona Rita notou um certo cansaço no rosto dele, como se ele, em forma de punição, tivesse renunciado ao direito de descanso. Pensava a jovem mulher que por certo a saudade da família era o motivo de toda aquela aflição. Não devia ser fácil abandonar sua vida em prol de uma missão num país estrangeiro, sem sentir-se tentado a olhar pra trás. O fardo de sermos nós mesmos é razão mais que justa para aniquilar qualquer tentativa de julgamento alheio que se abata sobre nós.

Vendo que sua filha não parava de tagarelar diante do monge, bradou Dona Rita:

- Ei, menina! Deixe de tirar o juízo do padre! Vamos pra casa!

- Já mamãe! Mas o monge nem me contou uma história de livro ainda! - resmungou a menina.

- Não tem mais, nem meio mais! Avia logo! O padre precisa descansar! - respondeu a mãe.

Ana Laura, percebendo o olhar intimidador da sua mãe, tratou logo de se despedir do monge com um pedido bem oportuno:

- Olha padre! Não se esqueça de me trazer outro livro, pois eu já cumpri o combinado. Repassei o antigo pra Zequinha!

O monge esboçou em sua face um discreto sorriso com aquilo que acabara de ouvir e assim disse:

- A tua fome de leitura parece ser insaciável. Pois bem: daqui a pouco, sem tu nem notares, apareço na tua casa com um belo livro para te entregar! - prometeu o monge.

Embora em meio a crianças, o monge se reconfortasse do mal do mundo, naquele dia o sábio homem desejava aspirar um pouco de solidão, com o intuito de que seus pensamentos voltassem a ficar limpos. Aproveitando-se da saída de Ana Laura, o monge decidiu começar mais uma nova travessia, caminhando por aquelas desconhecidas estradas cinzentas. O que o Sertão escondia? Que ares são esses que ora são tranquilizadores e outras vezes tão inquietantes?

Com todas essas perguntas na mente, ali seguia o Irmão Joaquim, numa manhã ensolarada, à procura de descobrir cada uma das mil facetas que o Sertão guardava. Percorreu algumas horas de estrada até avistar algo que lhe fez parar os passos. Ficou o monge inerte, em frente de um lugar que para ele simbolizava o ponto de chegada do seu irmão desaparecido. Era o pequeno cemitério do vilarejo, onde o silêncio habitava sem qualquer desobediência. O homem, com perplexidade, ainda na entrada percebeu que a fachada daquele singelo lugar fora feita no estilo rococó, com uso de alegorias e cores claras que muito se assemelhavam às construções de sua terra natal.

O monge, compadecido pelo esquecimento que circundava aquele cemitério, permitiu-se dar alguns passos e acabou chegando a um espaço demarcado por jazigos pequenos, todos enfileirados como se formassem um exército. Certamente aquelas almas haviam perdido a batalha contra a morte. Aproximando-se dos túmulos, o monge empalideceu; parecia que um punhal havia transpassado o seu coração, que agora sangrava. Havia ali muitas sepulturas de crianças falecidas; algumas, pela data de morte, tinham partido com menos de 1 ano de idade. A seca que assolava aquela região, somada ao descaso de irresponsáveis governantes, tinha condenado à morte aqueles inocentes anjinhos que, mal nascidos em solo árido, sucumbiram ante à fome ou a cólera.

A vida, por vezes, parecia uma peça teatral injusta, cheia de desilusões. Os homens encenavam peças num palco efêmero, onde a cada ato cabia-lhes a escolha de elevar ou denegrir a condição humana. Durante a sua vida, o monge já presenciara cenas de tamanho pavor que o fizeram questionar a sua credulidade na bondade dos homens. Ali, curvado àqueles jazigos, o monge Joaquim sentiu que a sua visão de mundo fora irremediavelmente alterada. A morte banalizada daquelas crianças, à vista de todos, representava uma omissão tão sangrenta como se cada um de nós tivesse expressado um acanhado consentimento. Lembrou-se do filho de uma viúva que ele visitara há poucos meses. O menino também morrera vítima de cólera. O mal não combatido torna-se companhia disfarçada de

normalidade. Parafraseando a filósofa Hannah Arendt, a banalidade do mal nasce do vazio de pensamento que, carente da capacidade de questionar, permite que o nefasto sorrateiramente se instale naquele lugar que antes era desocupado.

O monge então se voltou para dentro de si, onde achou um turbilhão de pensamentos rebelados. Ali ficou e relegou o mundo externo que o circundava. Pensou ele que se somos o resultado da soma e da subtração do que vivenciamos em nosso itinerário, do que se permite e se renega; era de todo razoável compreender que, sem a exata ação aguerrida das tantas cenas injustas da vida, estaremos todos fadados à morte da nossa dignidade humana - uma morte lenta que nos vai sepultando aos poucos. De início, desfalecem-se os sonhos de um mundo melhor, depois baixamos nossas cabeças, abandonando o ideal de pessoa que não conseguimos ser; por último, permitimo-nos ser vencidos, atando covardemente os nossos braços. Concluiu o monge, naquele dia, que quando a injustiça é cravada, combatê-la é um dever.

Atrás daqueles túmulos estava um enorme juazeiro, que vaidoso exibia sua copa cheia de folhagens, formando ao seu redor uma aconchegante sombra. O monge, levantando a cabeça, fitou a árvore com atenção pela primeira vez. Foi quando sentiu seus olhos arderem ao ver a imagem de uma senhora. Ele então deu três passos em direção à mulher e, ao perceber quem era, ficou profundamente comovido. Tratava-se de sua falecida mãe que, vestida de igual modo como fora enterrada, apareceu-lhe dizendo:

- Ele não chegará!

Nesse instante, o monge sentiu um fino arrepio na pele, mas tentou atravessar as sepulturas, ansiando indagar quem afinal não chegaria. Um forte clarão estrondou alto, quase como se partisse o céu. Ele então fechou os olhos de maneira que, quando pôde mirar novamente para aquela velha árvore, viu que sua mãe havia sumido. As feridas da carne são menos dolorosas que as do espírito porque conseguimos logo cicatrizá-las. Assim, por mais que tentasse, ele carregava em si a chaga de se culpar pelo desaparecimento do seu irmão. Será que a visão de sua mãe havia sido verdadeira? Quem não haveria de chegar? Talvez fosse o seu irmão Guilherme. Sim, devia ser isso. Sua mãe o visitara para avisar que seu irmão nunca mais seria encontrado.

Agora com pensamentos mais confusos, Irmão Joaquim decidiu voltar para a capelinha. Talvez a alma de sua mãe estivesse precisando de reza, ou quem sabe Guilherme se achasse em perigo. Pôs-se então a caminhar, tentando lembrar a imagem que lhe aparecera no cemitério.

A última vez que ele vira sua mãe fora há mais de treze anos. De lá para cá, ele quase que esquecera o formato oval do seu rosto. As recordações foram se perdendo, uma após outra, como se definhassem com a ordem natural do tempo.

Exatamente após meia hora em que o monge havia chegado a sua capela, ele se surpreendeu com um ocorrido inusitado. O antigo padre da igrejainha veio apressado, com o intuito de lhe entregar uma correspondência, trazida por um cacheiro viajante. O monge curioso correu logo para abrir o envelope, temendo ser a notícia de confirmação do seu sentimento fúnebre. A carta, com selo de Lisboa, havia sido postada há mais de 29 dias. Com mãos frias, ele logo teve um sobressalto ao ver que o remetente era o próprio irmão. O ansiado Guilherme, com letra bem caprichada, escrevera tais palavras valiosas:

Meu amado irmão,

Hoje as saudades tuas vieram visitar-me. Procurei tua companhia, mas me contaram que tu estás num país distante, a fazer uma bela missão pelos mais necessitados. Como me comovo por isso! Admiro tua coragem de fazer o bem, enquanto o sol teimar em brilhar. Tu bem sabes que eu, desde miúdo, procurei parecer-me contigo, tal qual faz uma criança quando, de modo irrequieto, decide seguir os seus heróis. Então saí menino ainda, cheio de idealismo e com olhos pueris, na tentativa de mudar este tão injusto mundo. Confesso-te que uma ventania furiosa arrastou minhas ilusões, deixando perdidos alguns sentimentos.

Sei que estivemos ausentes, talvez por impulsividade minha e excesso de maturidade tua. Mas posso dizer-te que, quando estive exilado, fui ao inferno e voltei demasiadas vezes nos dias de solidão. Quero que saibas, contudo, que o teu canto suave, que chegava a mim por meio de ensinamentos de fé, me salvava, de tal modo que me permitia reunir forças para me manter mais forte nos dias de tormenta.

Minha alma envelhecera. Não sou mais aquele que conhecestes outrora. Muitos dos meus sonhos se esvaíram de minhas mãos e eu, embora tentasse, não consegui resgatá-los. A mudança é perene neste mundo.

Até tu mesmo mudaste; agora és tão receoso como se vivesses a temer a chegada dos dias. Porém, o afeto é também coroado pela eternidade e hoje, sem eu nem entender o porquê, as recordações de nossa mãe se apoderaram de mim, de tal maneira que voltei a me lembrar do som daquela voz tão melancólica. Tu te lembras de como ela nos queria sempre juntos? O amor dela por nós parecia nos alimentar.

Renego aqui o meu orgulho e, apesar de ter me afastado sobremodo de ti, quero que saibas que o nosso laço de amor fraternal é indelével, como se tivesse sido marcado em mármore. Nem mesmo o tempo que nos desencontrou é capaz de nos manter distanciados. Tua presença se faz tão viva que posso até convidá-lo para retomar a nossa marcha compartilhada. E então, tu ainda bebes um bom vinho ou ficaste meio molenga? Vem ao Restaurante Cabral, bem no centro de Lisboa, para que possamos apreciar um vinho do Porto, antes da PIDE encontrar-me. Calar-me-ei agora na fecunda esperança de que os teus bons conselhos cheguem mais uma vez aos meus ouvidos pedintes.

Guilherme Braga

A noite então se estendeu. Daqui a pouco a escuridão viria com a sua brisa acarinhar a face do monge, que agora sorria com verdade. Era estranho que os pensamentos dele já não mais estavam confusos e bagunçados. Depois de ler aquela carta, o monge desnudou-se das culpas e remorsos; até suas vestes também não lhe pareciam mais pesadas feito chumbo.

Tão esmiuçada em livros e em doutrinas religiosas, a amizade construída como percepção do outro só é legitimamente pura no universo infantil. As crianças, de maneira quase inata, após aprenderem a dar os primeiros passos lançam-se sem máscaras na aventura de descobrir o mundo com as mãos sempre atadas a outras. Parecem até que depois de sair das entranhas de suas mães elas logo se dão conta de que o peso da existência somente é suportável se for comungado, tal qual era no tempo vivido em seguros ventres.

Tanto é assim que Ana Laura e Zequinha viviam comungados a desvendar os desafios e as maravilhas do viver tão sertanejo. Aqueles dois

eram tão sensíveis à face um do outro que muitas vezes adivinhavam de imediato o que se passava. Quando a menina chegou à pobre tapera de Zequinha, ele logo percebeu que o motivo da visita deveria ser uma coisa boa, pois os olhares de satisfação de Ana Laura eram notados pelo nítido arregalar-se dos seus olhos.

- Oxe! Veio me chamar pra brincar? Você sabe que daqui a pouco vou sair pro serviço. Mas me diga antes uma coisa: como vai Campeão? Eu salvei ele num foi?

- Sei não viu! Quem salvou Campeão foi o padre Joaquim! Você por acaso virou feiticeiro? Eu vim aqui porque preciso ler as estórias do livro pra você! Lembra que eu até havia marcado isso?

- Ah, foi mesmo! Mas se for pra começar esse negócio, que seja logo! Não gosto de chegar atrasado nos cantos.

Sem pai, Zequinha morava numa casinha humilde, com apenas dois cômodos e um banheiro, que ficava dentro de um murinho. Brinquedos quase não os tinha, apenas algumas quinquilharias que encontrava no trabalho ou umas peças feitas por ele próprio. Por motivos circunstanciais, ele era um menino mais amadurecido do que os outros de sua idade. Cresceu com a ausência do pai, morto pela fúria de um boi. No início essa falta lhe doía, chegava a ser bem penosa. Na escola, indagavam ao menino sobre o seu pai e nas brincadeiras as crianças por vezes falavam sobre as suas figuras paternas. O pai tinha lhes ensinado aquilo ou havia comprado tal coisa. No entanto, Zequinha foi aprendendo a conviver com o vazio deixado pela morte do pai aos pouquinhos. O menino esperto começou a encarar a ausência não como falta, mas sim como uma companheira inseparável.

De vez em quando ele se pegava contando as novidades da sua vida ao pai, falando bem baixinho, quase murmurando para que ninguém o escutasse e assim o considerasse louco varrido.

O fato de não ter a figura paterna para arcar com as despesas de casa, apesar de ser sofrível, de certa forma serviu para torná-lo uma criança mais responsável, sempre dedicado a zelar pela família, que se reduzia a Dona Salete. Os vizinhos com frequência comentavam:

- Salete, seu filho é um menino de ouro!

A mãe, embora estufasse o peito com orgulho, preocupava-se com o destino do filho. Morria de medo de que aquela rotina pesada de trabalho fosse a própria guilhotina do seu menino. Não queria ver todos os sonhos do seu filho cortados pelo pescoço. Era muito doloroso ver a sua criança, tão pequena, tendo que fazer carvão nas carvoarias da região

para ajudar no orçamento de casa. Dona Salete queria muito ter uma vida melhor para poupá-lo das agonias de uma precoce vida adulta. Desejava ela que o menino tivesse uma vida comum à de outras crianças, sem preocupações, dedicado apenas à escola e a aproveitar a leveza de uma vida lúdica. Por isso, ela achava bom quando Ana Laura aparecia lá para falar do tão valoroso estudo.

Hoje Zequinha levantara cedo como de costume, mas estava de bolsos vazios, já que o seu patrão ainda não tinha acertado as contas desse mês. O menino estava então triste e indignado como um verdadeiro homem de casa, por não ter ainda conseguido fazer a feira de mantimentos. A pobre criança, por vezes, maldizia a Deus que o abandonara no exato minuto em que permitiu que o seu pai fosse levado tão repentinamente. Por que o pai dele? Por que tudo era com ele? Enquanto se ajeitava para ir ao serviço, tomando apenas um forte café preto, ouviu gritarem pelo seu nome lá de fora. Ele olhou na janela e de longe avistou a felicidade chegando. Era Ana Laura que vinha toda faceira, com um cabelo esvoaçante e dois livros debaixo do braço.

Por um momento os problemas se dissiparam. Ana Laura viera para trazer a luz de dias melhores, emaranhados com cheiro de rosas e com sílabas vibrantes. Dessa vez, ele aprenderia a escrever direitinho. Não queria fazer feio frente à sua amiga. Iria ser um doutor das letras como o monge estrangeiro, para que um dia Ana Laura o admirasse também.

- Então Zequinha, aprendeu o fonema certo? Viu que não é difícil?

- Sim, entendi tudinho! Até pensei que seria mais trabalhoso!

-Então fique lembrado: todas as manhãs bem cedinho passo aqui antes de você ir para o trabalho. Vamos ver se você desenrola comigo!

- Assim tá certo! Mas sua mãe num vai gostar disso!

- Oxe menino! Eu até já acertei com ela! Mamãe sabe que é por uma boa causa!

E desse modo o menino foi aos poucos aprendendo a ler, de tal maneira que na sua casinha antes tão pobrezinha a riqueza foi se fazendo presente. A cada mês lá ambientavam livros em abundância. Eram de diferentes gêneros, espessuras e tamanhos. Zequinha os ia devorando num estado de frenesi, extasiado com a leitura. De quando em quando, o patrão o via, nas horas de folga, lá por cima de um lajedo, almoçando e lendo um livro ao mesmo tempo. Zequinha agora se comungava mais com Ana Laura, já que também sentia uma fome de conhecimento, e quanto mais os dois liam, mais eram tomados por uma estranha atração magnética de continuarem a ler. Sob o olhar daquelas palavras impressas nos

livros, os amigos se metamorfoseavam, como se o conhecimento tivesse se tornado radioativo. E então eles nunca mais voltaram à condição de antes, nunca mais foram os mesmos e nunca mais retornariam a ser. Eles agora até pareciam ser lampejos de luz.

Certo dia, quando Zequinha estava sentado bem no batente de sua casa, esperando Ana Laura, ele viu ao longe a amiga caminhando de braços dados com seu falecido pai. Rapidamente passou as mãos nos olhos, na tentativa de limpar aquela visão que parecia tão irreal. Mas mesmo assim continuou a observar o pai, já bem à frente de sua amiga, aproximando-se a ele cada vez mais. Sem aguentar de curiosidade e, por que não dizer, de espanto, Zequinha se pôs a correr para encontrá-los; queria ele tocar seu pai, perguntar por que ele foi embora tão cedo; enfim, eram tantas perguntas, remoídas durante anos, que ele agora até já se esquecia.

Foi então que conseguiu chegar mais perto, quase já de frente ao pai tão ansioso. Agora sim, mais do que vê-lo, Zequinha o enxergava. Notava seu rosto tímido, a morenice de sua pele e as mãos tão calejadas. O menino então tentou falar, balbuciar um eu te amo que seja, mas as palavras haviam sumido de sua boca. Quando finalmente, ele olhou bem nos olhos do seu pai, ouviu daquela alma falecida uma surpreendente confissão:

- Você nunca esteve só, meu filho! Eu sempre mandei anjos para cuidar de você!

Quando abriu bem os olhos, Zequinha percebera que outra vez havia dormido com o lampião aceso, enquanto lia um livro. Ele estava com uma sensação boa, dessas que vem com o vento e se impregnam na gente. Nem precisava ser um Deus que tudo sabe para compreender que o seu pai havia embalado os seus sonhos. No dia seguinte, Zequinha trajou sua melhor vestimenta: um sorriso profundo que moldurava sua face oval. Ele estava tão feliz como há muito, mas há muito, não se via. Tanto que não conseguiu guardar segredo e logo contou a boa nova à sua fiel amiga:

- Ontem ouvi a confissão de uma alma!

- Deixe de conversa mole! - esbravejou Ana Laura

- Foi sim! Meu pai me apareceu em forma de sonho! Eu sabia que ele nunca me abandonaria!

Ana Laura logo se calou, não por susto ou receio, mas por conceber como sagrado tudo que vinha do mundo dos sonhos. Isso sua mãe, Dona Rita, já havia lhe ensinado desde pequena. Os sonhos falam, ex-

pressam e querem quase sempre comunicar o que se é. Porém, como nós humanos vemos tudo imperfeitamente, pensamos não ser! A menina até se lembrava da história de José, que escapou da morte por adivinhar os sonhos do faraó do Egito.

- E foi o quê que ele te falou?

- Contou que estava sempre comigo e até enviava anjos lá do céu para me proteger!

- Nossa! Que bonito, Zequinha! – maravilhou-se Ana Laura

- Mas eu não falei nada para o meu pai!

- Por que Zequinha?

- As palavras sumiram de mim!

Os olhos de Ana Laura se expandiram. Agora sim começara a sentir medo. Ela não conseguia imaginar levar uma vida sem as palavras. O peso tomaria conta de tudo. Seria o mesmo que se dizer aos outros que pesava a vida. É certo que a escrita nem sempre existiu, como bem dizia o monge Joaquim. Mas as palavras não podiam mais simplesmente nos abandonar. Como ela iria ter acesso aos grandes clássicos da Literatura Universal? Nunca mais poderia ouvir as belas canções do rádio? E como as pessoas se comunicariam? Apenas com gestos?

Depois de ouvir de Zequinha aquela confissão de alma, Ana Laura ficara preocupada. Ela pouco se importava com o aparecimento do finado. Afinal de contas, há alguma lei impedindo o retorno dos mortos? Quantas almas para aqui já vieram? Lembrava-se até da fala sentenciosa de sua mãe que sempre a tranquilizava dizendo que não se devia ter medo dos mortos e sim dos vivos. Os que se foram já não podiam mais nos fazer mal nenhum!

Contudo, o sumiço das palavras representava para a menina uma abominação. Por horas a fio, Ana Laura atormentava seu espírito com o medo de ser castigada pelas palavras, ou de os humanos perderem totalmente a intimidade com elas. Não seríamos mais humanos. É certo que as palavras podem ferir a alma de modo bem doloroso, mas, além da sua face sórdida, quando elas são proferidas com gosto doce têm a fantástica magia de fazer os pés sobrevoarem as nuvens. Isso porque a palavra tem dois lados, feito uma moeda. Enquanto um deles pode curar feridas e até revigorar troncos murchos, o outro por vezes é cruelmente impiedoso, a tal ponto de tornar frios os corações e levar a desespero às mentes humanas.

A mudez das palavras teria assim um impacto avassalador no mundo. Estragos seriam fatalmente nascidos. Por isso que Ana Laura sentia pavor apenas em imaginar isso. Ainda bem que a menina contava com um remédio infalível para as suas inquietações: a companhia do seu amado pai. Seu Lins já havia chegado da colheita de algodão; estava lá no alpendre desamarrando os sapatos e observando a paisagem seca do Sertão. Era o seu ritual sagrado. O homem, naqueles poucos minutos, gostava de se sentar bem ali de frente para a serra. De repente, a menina veio veloz como um pião, como costumeiramente fazia.

- Papai, as palavras podem sumir?

- Só se o céu algum dia desabar! – respondeu Seu Lins

- Como assim? Não entendi.

- Eu sei que você já é mais estudada que seu pai, mas preste atenção; filha, antes mesmo da chegada dos livros, os homens tinham o céu.

- Mas o céu tem palavras? Só os livros e as memórias possuem as palavras – argumentou a menina

- O céu é o nosso livro de estórias. Os antigos já decifravam suas mensagens escritas nas estrelas ou em formato de nuvens para saberem o tempo certo do plantio, o nascimento do trovão ou a chegada da seca.

- Poxa papai! Eu nunca tinha prestado atenção nisso! Será que um dia eu vou aprender a ler o céu?

- Você já sabe ler o céu, só que não percebe isso! Lembra quantas vezes você ficava aqui no alpendre, notando o rosto das nuvens, que a cada instante mudavam? Isso já é um rabiscar no céu!

- Papai, o senhor derruba por mim todos os muros, até mesmo os do céu.

Nesse instante, Seu Lins passou as mãos pelos cabelos da filha. Aquelas mãos tão ríspidas, em razão do trabalho duro na Fazenda do Coronel Feitosa, estavam ali delicadas a acarinhar o rosto de Ana Laura. Sua menina finalmente estava crescendo com o igual barro que ele havia sido formado. Ela seria uma seridoense de boca cheia, disso Seus Lins não nutria qualquer dúvida.



CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO: COM OS PÉS NO CHÃO E O LÁPIS NA MÃO.

Tão esmiuçada em livros e em doutrinas religiosas, a amizade construída como percepção do outro só é legitimamente pura no universo infantil. As crianças, de maneira quase inata, após aprenderem a dar os primeiros passos lançam-se sem máscaras na aventura de descobrir o mundo com as mãos sempre atadas a outras. Parecem até que depois de sair das entranhas de suas mães elas logo se dão conta de que o peso da existência somente é suportável se for comungado, tal qual era no tempo vivido em seguros ventres.

Tanto é assim que Ana Laura e Zequinha viviam comungados a desvendar os desafios e as maravilhas do viver tão sertanejo. Aqueles dois eram tão sensíveis à face um do outro que muitas vezes adivinhavam de imediato o que se passava. Quando a menina chegou à pobre tapera de Zequinha, ele logo percebeu que o motivo da visita deveria ser uma coisa boa, pois os olhares de satisfação de Ana Laura eram notados pelo nítido arregalar-se dos seus olhos.

- Oxe! Veio me chamar pra brincar? Você sabe que daqui a pouco vou sair pro serviço. Mas me diga antes uma coisa: como vai Campeão? Eu salvei ele num foi?

- Sei não viu! Quem salvou Campeão foi o padre Joaquim! Você por acaso virou feiticeiro? Eu vim aqui porque preciso ler as estórias do livro pra você! Lembra que eu até havia marcado isso?

- Ah, foi mesmo! Mas se for pra começar esse negócio, que seja logo! Não gosto de chegar atrasado nos cantos.

Sem pai, Zequinha morava numa casinha humilde, com apenas dois cômodos e um banheiro, que ficava dentro de um murinho. Brinquedos quase não os tinha, apenas algumas quinquilharias que encontrava no trabalho ou umas peças feitas por ele próprio. Por motivos circunstanciais, ele era um menino mais amadurecido do que os outros de sua idade. Cresceu com a ausência do pai, morto pela fúria de um boi. No início essa falta lhe doía, chegava a ser bem penosa. Na escola, indagavam ao menino sobre o seu pai e nas brincadeiras as crianças por vezes falavam sobre as suas figuras paternas. O pai tinha lhes ensinado aquilo ou havia comprado tal coisa. No entanto, Zequinha foi aprendendo a conviver com o vazio deixado pela morte do pai aos pouquinhos. O menino esperto começou a encarar a ausência não como falta, mas sim como uma companheira inseparável. De vez em quando ele se pegava contando as novidades da sua vida ao pai, falando bem baixinho, quase murmurando para que ninguém o escutasse e assim o considerasse louco varrido.

O fato de não ter a figura paterna para arcar com as despesas de casa, apesar de ser sofrível, de certa forma serviu para torná-lo uma criança mais responsável, sempre dedicado a zelar pela família, que se reduzia a Dona Salete. Os vizinhos com frequência comentavam:

- Salete, seu filho é um menino de ouro!

A mãe, embora estufasse o peito com orgulho, preocupava-se com o destino do filho. Morria de medo de que aquela rotina pesada de trabalho fosse a própria guilhotina do seu menino. Não queria ver todos os sonhos do seu filho cortados pelo pescoço. Era muito doloroso ver a sua criança, tão pequena, tendo que fazer carvão nas carvoarias da região para ajudar no orçamento de casa. Dona Salete queria muito ter uma vida melhor para poupá-lo das agonias de uma precoce vida adulta. Desejava ela que o menino tivesse uma vida comum à de outras crianças, sem preocupações, dedicado apenas à escola e a aproveitar a leveza de uma vida lúdica. Por isso, ela achava bom quando Ana Laura aparecia lá para falar do tão valoroso estudo.

Hoje Zequinha levantara cedo como de costume, mas estava de bolsos vazios, já que o seu patrão ainda não tinha acertado as contas desse mês. O menino estava então triste e indignado como um verdadeiro homem de casa, por não ter ainda conseguido fazer a feira de mantimentos. A pobre criança, por vezes, maldizia a Deus que o abandonara no exato minuto em que permitiu que o seu pai fosse levado tão repentinamente. Por que o pai dele? Por que tudo era com ele? Enquanto se ajeitava para ir ao serviço, tomando apenas um forte café preto, ouviu gritarem pelo seu nome lá de fora. Ele olhou na janela e de longe avistou a felicidade chegando. Era Ana Laura que vinha toda faceira, com um cabelo esvoaçante e dois livros debaixo do braço.

Por um momento os problemas se dissiparam. Ana Laura viera para trazer a luz de dias melhores, emaranhados com cheiro de rosas e com sílabas vibrantes. Dessa vez, ele aprenderia a escrever direitinho. Não queria fazer feio frente à sua amiga. Iria ser um doutor das letras como o monge estrangeiro, para que um dia Ana Laura o admirasse também.

- Então Zequinha, aprendeu o fonema certo? Viu que não é difícil?

- Sim, entendi tudinho! Até pensei que seria mais trabalhoso!

-Então fique lembrado: todas as manhãs bem cedinho passo aqui antes de você ir para o trabalho. Vamos ver se você desenrola comigo!

- Assim tá certo! Mas sua mãe num vai gostar disso!

- Oxe menino! Eu até já acertei com ela! Mamãe sabe que é por uma boa causa!

E desse modo o menino foi aos poucos aprendendo a ler, de tal maneira que na sua casinha antes tão pobrezinha a riqueza foi se fazendo presente. A cada mês lá ambientavam livros em abundância. Eram de diferentes gêneros, espessuras e tamanhos. Zequinha os ia devorando num estado de frenesi, extasiado com a leitura. De quando em quando, o patrão o via, nas horas de folga, lá por cima de um lajedo, almoçando e lendo um livro ao mesmo tempo. Zequinha agora se comungava mais com Ana Laura, já que também sentia uma fome de conhecimento, e quanto mais os dois liam, mais eram tomados por uma estranha atração magnética de continuarem a ler. Sob o olhar daquelas palavras impressas nos livros, os amigos se metamorfoseavam, como se o conhecimento tivesse se tornado radioativo. E então eles nunca mais voltaram à condição de antes, nunca mais foram os mesmos e nunca mais retornariam a ser. Eles agora até pareciam ser lampejos de luz.

Certo dia, quando Zequinha estava sentado bem no batente de sua casa, esperando Ana Laura, ele viu ao longe a amiga caminhando de braços dados com seu falecido pai. Rapidamente passou as mãos nos olhos, na tentativa de limpar aquela visão que parecia tão irreal. Mas mesmo assim continuou a observar o pai, já bem à frente de sua amiga, aproximando-se a ele cada vez mais. Sem aguentar de curiosidade e, por que não dizer, de espanto, Zequinha se pôs a correr para encontrá-los; queria ele tocar seu pai, perguntar por que ele foi embora tão cedo; enfim, eram tantas perguntas, remoídas durante anos, que ele agora até já se esquecia.

Foi então que conseguiu chegar mais perto, quase já de frente ao pai tão ansiado. Agora sim, mais do que vê-lo, Zequinha o enxergava. Notava seu rosto tímido, a morenice de sua pele e as mãos tão calejadas. O menino então tentou falar, balbuciar um eu te amo que seja, mas as palavras haviam sumido de sua boca. Quando finalmente, ele olhou bem nos olhos do seu pai, ouviu daquela alma falecida uma surpreendente confissão:

- Você nunca esteve só, meu filho! Eu sempre mandei anjos para cuidar de você!

Quando abriu bem os olhos, Zequinha percebera que outra vez havia dormido com o lampião aceso, enquanto lia um livro. Ele estava com uma sensação boa, dessas que vem com o vento e se impregnam na gente. Nem precisava ser um Deus que tudo sabe para compreender que o seu pai havia embalado os seus sonhos. No dia seguinte, Zequinha trajou sua melhor vestimenta: um sorriso profundo que moldurava sua face oval. Ele estava tão feliz como há muito, mas há muito, não se via. Tanto que não conseguiu guardar segredo e logo contou a boa nova à sua fiel amiga:

- Ontem ouvi a confissão de uma alma!

- Deixe de conversa mole! - esbravejou Ana Laura

- Foi sim! Meu pai me apareceu em forma de sonho! Eu sabia que ele nunca me abandonaria!

Ana Laura logo se calou, não por susto ou receio, mas por conceber como sagrado tudo que vinha do mundo dos sonhos. Isso sua mãe, Dona Rita, já havia lhe ensinado desde pequena. Os sonhos falam, expressam e querem quase sempre comunicar o que se é. Porém, como nós humanos vemos tudo imperfeitamente, pensamos não ser! A menina até se lembrava da história de José, que escapou da morte por adivinhar os sonhos do faraó do Egito.

- E foi o quê que ele te falou?
- Contou que estava sempre comigo e até enviava anjos lá do céu para me proteger!
- Nossa! Que bonito, Zequinha! – maravilhou-se Ana Laura
- Mas eu não falei nada para o meu pai!
- Por que Zequinha?
- As palavras sumiram de mim!

Os olhos de Ana Laura se expandiram. Agora sim começara a sentir medo. Ela não conseguia imaginar levar uma vida sem as palavras. O peso tomaria conta de tudo. Seria o mesmo que se dizer aos outros que pesava a vida. É certo que a escrita nem sempre existiu, como bem dizia o monge Joaquim. Mas as palavras não podiam mais simplesmente nos abandonar. Como ela iria ter acesso aos grandes clássicos da Literatura Universal? Nunca mais poderia ouvir as belas canções do rádio? E como as pessoas se comunicariam? Apenas com gestos?

Depois de ouvir de Zequinha aquela confissão de alma, Ana Laura ficara preocupada. Ela pouco se importava com o aparecimento do finado. Afinal de contas, há alguma lei impedindo o retorno dos mortos? Quantas almas para aqui já vieram? Lembrava-se até da fala sentenciosa de sua mãe que sempre a tranquilizava dizendo que não se devia ter medo dos mortos e sim dos vivos. Os que se foram já não podiam mais nos fazer mal nenhum!

Contudo, o sumiço das palavras representava para a menina uma abominação. Por horas a fio, Ana Laura atormentava seu espírito com o medo de ser castigada pelas palavras, ou de os humanos perderem totalmente a intimidade com elas. Não seríamos mais humanos. É certo que as palavras podem ferir a alma de modo bem doloroso, mas, além da sua face sórdida, quando elas são proferidas com gosto doce têm a fantástica magia de fazer os pés sobrevoarem as nuvens. Isso porque a palavra tem dois lados, feito uma moeda. Enquanto um deles pode curar feridas e até revigorar troncos murchos, o outro por vezes é cruelmente impiedoso, a tal ponto de tornar frios os corações e levar a desespero às mentes humanas.

A mudez das palavras teria assim um impacto avassalador no mundo. Estragos seriam fatalmente nascidos. Por isso que Ana Laura sentia pavor apenas em imaginar isso. Ainda bem que a menina contava com um remédio infalível para as suas inquietações: a companhia do seu amado pai. Seu Lins já havia chegado da colheita de algodão; estava lá

no alpendre desamarrando os sapatos e observando a paisagem seca do Sertão. Era o seu ritual sagrado. O homem, naqueles poucos minutos, gostava de se sentar bem ali de frente para a serra. De repente, a menina veio veloz como um pão, como costumeiramente fazia.

- Papai, as palavras podem sumir?

- Só se o céu algum dia desabar! – respondeu Seu Lins

- Como assim? Não entendi.

- Eu sei que você já é mais estudada que seu pai, mas preste atenção; filha, antes mesmo da chegada dos livros, os homens tinham o céu.

- Mas o céu tem palavras? Só os livros e as memórias possuem as palavras – argumentou a menina

- O céu é o nosso livro de estórias. Os antigos já decifravam suas mensagens escritas nas estrelas ou em formato de nuvens para saberem o tempo certo do plantio, o nascimento do trovão ou a chegada da seca.

- Poxa papai! Eu nunca tinha prestado atenção nisso! Será que um dia eu vou aprender a ler o céu?

- Você já sabe ler o céu, só que não percebe isso! Lembra quantas vezes você ficava aqui no alpendre, notando o rosto das nuvens, que a cada instante mudavam? Isso já é um rabiscar no céu!

- Papai, o senhor derruba por mim todos os muros, até mesmo os do céu.

Nesse instante, Seu Lins passou as mãos pelos cabelos da filha. Aquelas mãos tão ríspidas, em razão do trabalho duro na Fazenda do Coronel Feitosa, estavam ali delicadas a acarinhar o rosto de Ana Laura. Sua menina finalmente estava crescendo com o igual barro que ele havia sido formado. Ela seria uma seridoense de boca cheia, disse Seus Lins não nutria qualquer dúvida.



CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO: A VISITANTE AGUARDADA.

Mais um dia amanheceu no Sertão. Dessa vez, o monge acordou com a alma restaurada desde que recebera as boas novas do seu irmão. Após travar tantas noites de luta contra o sono, ele finalmente havia se reconciliado com o deus dos sonhos. Agora, com o olhar mais vivo, o homem sentia no peito o prenúncio de uma falta, definida por um estado de incompletude que somente os seus antepassados, por bem entenderem esse tal sentimento, tinham conseguido o trunfo de traduzi-lo para a forma nascida do papel e tinta. Era a saudade que, feito fera enjaulada, inquietava-se cada vez que ele pensava na necessidade de retornar a Lisboa para reencontrar Guilherme.

Envolto pela sedução que o Sertão lhe ofertava, o monge via-se entregue àquele lugarzinho que, apesar de ser árido, guardava em si o aconchego de sua gente tão cativante. Recordou-se de que, quando chegara àquelas terras, calculava que não ficaria mais do que o tempo exato para completar a sua missão. Cogitava que ali naquele espaço desconhe-

cido, onde o sol quase nunca se despedia, os seus pés principiariam uma imediata fuga.

Contudo, tal qual um guerreiro rendido, hoje o monge sonhava em não mais partir dali. Ele que se considerava um órfão no mundo, como se carregasse em sua testa o sinal dos homens destinados a vagar solitários, agora nutria dentro de si o sentimento de pertença. O Sertão, com seu temperamento forte e suas vozes fantasiosas, havia lhe arrebatado sorrateiramente, quase furtando a sua alma. Contra tal invasão, o homem nem sequer articulou uma estratégia de defesa. Deixou-se simplesmente ir. Até mesmo o sentimento de exílio, que arranhava tanto suas entranhas, havia se perdido. Decerto, o Sertão também o tinha levado embora. Ali, junto àquele mato acinzentado, ele se impressionou com a ideia de que aquele lugar tão seco conseguira o feito fabuloso de florescer o deserto de sua alma. Somente agora ele entendia que o ato de voltar para Lisboa tinha sido ressignificado. Não mais regressaria para a sua origem; achava que estava justamente partindo de sua casa. Desse modo, ele pediria ao seu Abade para passar uns poucos dias no Mosteiro. Queria apenas um tempo suficiente que lhe permitisse ver novamente o seu único irmão e, tão logo resolvesse tal questão, trataria de regressar para o seu santuário de ardor.

Por sua vez, Ana Laura estava encantada com os novos ensinamentos que o seu pai lhe trazia. Ela começava a aprender sobre a teia do tempo no Sertão. Não existiam as quatro estações que a professora tanto relatava na escola. Na verdade, o mundo do Sertão não suportava meio termos. Ou era verão ou era inverno. Lá, os céus só obedeciam às inteirezas, desprezando as metades. Seu Lins também tentava incutir na filha um instinto de sobrevivência, típico de todo sertanejo: a contemplação dos sinais da natureza. Ele explicava que, quando as formigas se agrupavam, aparecendo em quase todos os cantos da casa, era um bom sinal de chegada do inverno. Isso acontecia porque esses bichinhos conseguiam sentir antes dos homens os ares da chuva e, por serem muito trabalhadores, procuravam logo profundos abrigos que servissem para proteger suas reservas de alimento do período chuvoso.

Entretanto, Ana Laura remeteu seus pensamentos ao último dia em que tinha ido à feira. Lá o rabequeiro adivinhava, ao som de uma melodia tristonha, que naquele ano nem um pingo de chuva cairia nas terras do Sertão. O tempo seria outra vez de seca, pois não havia chovido no dia de São José. Ao ouvir aquele aviso, a menina angustiou-se como se ingressasse num pesadelo. Quis de imediato chorar, mas por estar acom-

panhada da mãe, sabia que deveria permanecer forte. Será que ela jamais veria essa tal chuva? Pensou nas belas histórias contadas pelos antigos sobre as bênçãos que sucediam quando chovia no Sertão. Pensou também nos mandacarus floridos que enxergara com seu pai. A vegetação cinza se coloria de um verde esperançoso, enquanto que um cheiro bom, quase definido de mato, inundava a vida das pessoas de uma forma mágica como se a seca nunca tivesse existido.

A seca punia aquele lugar há quase 8 anos. De lá para cá, sem dar nenhuma trégua, impedia que as crianças nascidas em anos próximos vivenciassem outros tempos, que não os estéreis. Ana Laura crescera sem saber o que era brincar na chuva ou como seria a sangria do Rio Mulungu. Para ela, a chuva era algo distante, que não estava ao alcance de suas pequeninas mãos. Mas, embora nunca a tivesse visto, a menina confiava que a chuva existia e que um dia talvez conseguisse senti-la.

Era pouco antes do meio dia, quando o monge apareceu na casa dos Lins, montado num cavalo, carregado de bagagens. Ana Laura, como de costume, não permaneceu quieta e correu para abraçá-lo, imaginando que ganharia um outro livro.

- Tu correste como um foguete! Deixa-me descansar um pouco! – pediu o homem.

Ao chegar ao alpendre, o monge procurou logo um banco para se sentar, buscando em sua cabeça as palavras mais sábias, que servissem para suavizar aquele momento. Seu Lins e Dona Rita, ouvindo aquela voz amiga, se sentaram ao seu lado, fazendo-o companhia, conforme as regras de boa hospitalidade apregoavam. Vendo que a refeição estava posta na mesa, o monge finalmente percebeu que havia chegado bem na hora do almoço. Então ele se lembrou das lições de sua falecida mãe, que o ensinara a comer as refeições do seguinte modo: primeiro deve se devorar os indesejados legumes, para que assim fique no prato apenas a comida mais gostosa, mais fácil de ser digerida. Ele, ainda na infância, percebera que, para se livrar do que considerava ser o mal, teria que engoli-lo logo de uma vez, sem dar a chance de prolongá-lo.

- Vou me ausentar do vilarejo por um certo tempo. Preciso voltar a Portugal!

De súbito, as feições de Ana Laura se desanimaram e, com nítida chateação, ela indagou:

- O senhor vai nos deixar?

O monge respondeu que não. Ele partiria para rever o seu irmão e, tão logo o visse, voltaria ao vilarejo. Entretanto, Ana Laura hesitou em aceitar a partida transitória do amigo estrangeiro.

- O senhor não pode ir! Por que jurou que ficaria até montar a biblioteca?

- Não sou sementeiro de promessas! Confia em mim! Voltarei antes da entrada do novo ano, pois aceitei a missão de montar a biblioteca para cumpri-la fielmente.

Com as mãos estendidas, entregando à menina um livro pequeno de capa azul, o monge disse:

- Vê este livro! Chama-se O Pequeno Príncipe e foi escrito pelo francês Saint-Exupéry. Nele é contada a história de um solitário menino que vive num pequeno planeta distante, muito distante, em companhia apenas de uma rosinha que conversa com ele. Depois ele viaja por outros pequenos planetas. Ouve bem! A obra ensina a responsabilidade que cada um de nós deve ter para com aqueles que cativamos. Somos assim eternamente responsáveis por todos aqueles que amamos.

- Compreende pequena? Eu não te abandonarei, pois sou responsável pela tua felicidade até o fim dos meus dias! Como disse Saint-Exupéry, as estrelas são todas iluminadas para que cada um possa encontrar a sua. E eu, por sinal, acabei aqui no Sertão encontrando a minha estrelinha de longos cabelos loiros e cheia de amor pelos livros.

Percebendo que o laço de amizade construído pelo monge era inquebrantável, Ana Laura fez um apelo, agora com a face mais aliviada:

- Se o senhor trazer mais uns quatro livros para mim, eu nem me importo que o senhor viaje para o estrangeiro!

De imediato, os pais da menina se desfizeram em gargalhadas. Por sua vez, o monge começou a questionar de onde brotava aquela sede pelo conhecimento que impulsionava a pequena. E, ainda em estado de silêncio disfarçado, ele logo retrucou:

- Penso que minha mala é bem pequena, mas tentarei. Talvez eu possa trazer uns dois livros!

Na calma do lugar, o monge sentiu a urgência de se ausentar. E sem saber como se despedir, abraçou com entusiasmo cada um dos presentes, deixando para Ana Laura um último lembrete:

- Tu deves fazer o bem! Não te esqueças disso!

A menina indagou em disparada:

- Eu quero fazer o bem! Mas, às vezes eu tenho medo de cansar.

Até quando eu devo fazer o bem?

- Enquanto o sol teimar em brilhar! - disse o monge, recorrendo às palavras do seu irmão, quando já subia no cavalo.

Ao sair dali, o monge não quis olhar para trás, pois imaginava que a menina estaria, com o rosto de profundo abatimento, olhando a sua partida e, se a visse desse modo, guardaria em si aquela imagem dolorosa para o resto da sua vida. Querendo então se refugiar, ele acelerou ainda mais os passos do seu animal. Até já conseguia perceber que o seu destino era como uma finda costura, remendada por ventos de mudança e por desejos de boa vontade. Tentando apaziguar-se, o monge decidiu observar a paisagem seca. Constatou então ele que as muitas semelhanças marcantes entre a sua essência e o mundo sertanejo eram de certa forma tão intrínsecas que a sua envoltura árida e sua persistência em viver em meio aos pesares era, na verdade, uma marca impregnada do Sertão em sua alma.

Lançando os olhos para além do longe, Ana Laura ficou estática, buscando avistar o velho amigo até que ele desaparecesse no horizonte. Em pé, encostada no portão de casa, ela começou a chorar bem baixinho, sentindo os olhos arderem, pois agora sua tristeza não seria espalhada.

Foi quando percebeu que as lágrimas que desciam pelo seu rosto se uniram a umas gotinhas, que levemente caíam, molhando o chão desértico do vilarejo. Nesse instante, a menina inclinou sua cabecinha para o céu e reparou que as nuvens, antes resistentes, tombaram sobre a terra, diluindo-se em forma de água. Era a chuva que finalmente, após tantas preces, banhava o Sertão. Seria um presente deixado pelo monge?

Com espanto, a menina viu sua mãe se aproximar e, já esperando um severo sermão, ela se surpreendeu ao notar que Dona Rita estava com olhos sorridentes. A jovem costureira pegou a filha no colo e, no meio da chuva, começou a rodopiar a criança, como se de repente estivessem a brincar de ciranda. Seu Lins, mais contido, permaneceu no alpendre, enquanto espreitava as duas demoradamente, usufruindo daquela cena inusitada. Na casa dos Lins, apenas Campeão desatou numa carreira para se esconder da chuva, imaginando que se tratava de água enfeitiçada e, como se não bastasse, ele não escondia de ninguém o seu temor em tomar banho.

No restante do vilarejo, perto da Fazenda Recanto, Tião corria para a beira do açude velho na certeza de que hoje não passaria em vão, pois dessa vez ele veria sua namorada misteriosa. A mãe de Tião resolvera ficar em casa, preparando um delicioso bolo de batata, para a chegada de sua nora. Afinal, se estava chovendo, depois de tantos anos de castigo no Sertão, então é porque nada devia ser impossível. Quem, em sã consciên-

cia, defenderia o contrário, depois de testemunhar o milagre da chuva? Pensava nisso a velha mulher, descascando as batatas numa bacia. Ela até já ensaiava um agradecimento que faria à nora, por manter seu filho vivo, cheio de esperança em um futuro, que parecia ser bom.

As margens do açude começavam a se molhar. Tião ficava ali, esperando ansioso, que a qualquer hora a sua amada, de súbito, resolvesse emergir das profundezas das águas com o seu belo vestido azul. Ele logo pensou no olhar dela. Será que a namorada repousaria nele um olhar de amor ou de desprezo? Talvez ela fosse fria e cheia de si, já que antes vivia tão solitária e recatada no fundo do rio. O conhecimento por vezes é causa de ruínas, enquanto que a ausência se torna a raiz do encantamento.

No outro lado, perto das carvoarias, ao ver a chuva Zequinha sentiu uma pontinha de vontade de brincar. Olhou para trás e, sem ver o capataz da obra, correu para tentar pegar os pingos de chuva que desfilavam a sua frente. Já os outros moradores do vilarejo saíram todos de suas casas e, como se festejassem a vinda de uma visitante muito esperada, comemoraram alegres, regressando a um universo mágico, onde se tornaram crianças por mais uma vez.

Isso, contam os antigos, aconteceu em uma época não bem delimitada, mas se sabe que o ano terminava no número quatro. E pelo que se foi divulgado, nesse tempo tão singular, todos os rios se encheram, trazendo para o Sertão uma era de fartura nunca outrora vista, sombreada pelo mel que jorrava das pedras acinzentadas e pelo verde que logo se reproduzia num piscar de olhos.

Sem nem se mexer, Ana Laura despertou do seu sono, movida por um beijo na testa. Tratava-se do seu pai que depois de tanta espera havia voltado do trabalho, sem nenhuma armadura brilhante, enquanto a menina tinha adormecido na rede. Ela acordou, sentindo o coração impactado. Lembrou-se logo do sonho que tivera. Como ele era estranho e ao mesmo tempo tão real! Será que o jumento Campeão existia de verdade? Ana Laura correu então à cozinha e contando aos pais a história sonhada, ela desejou ouvir deles uma confirmação para aqueles seus pensamentos tão inesperados. Teria sido uma provável visão do futuro? No entanto, Dona Rita, adivinhara logo todo o mistério, esclarecendo com paciência a filha:

- Menina, todo sertanejo tem sonhos de chuva!

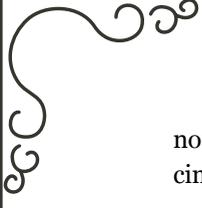
EPÍLOGO

Ana Karla Farias

Sob o olhar de quem enxerga o mundo com as lentes de uma criança, Enquanto o sol teimar em brilhar conta a história de Ana Laura, uma criança típica do sertão nordestino, que apesar da pouca idade e das intempéries que tanto castigam o povo sertanejo mais carente, faz-se desatenta na busca incessante por um tesouro. De tão valioso, aquele não está escondido sob sete palmos, tampouco, encontra-se guardado em um cofre; mas, como um bem intangível que é o conhecimento, é preciso aventurar-se no desconhecido e enigmático reino dos livros. Nos dizeres de Drummond, esta é uma tarefa só para alguns privilegiados, não os que têm prerrogativas sociais e de pecúnia, mas aqueles que carregam consigo, a chave que dá acesso à porta da sabedoria, a uma viagem sem volta. Pois, depois que se bebe da fonte do conhecimento, nunca mais se é o mesmo.

Ana Laura, portanto, adentra no mundo fascinante da leitura. Nesta saga, o leitor é convidado a viajar em companhia da garotinha por mundos surpreendentes, deparando-se com uma linguagem, paisagens, sabores, crenças e cultura popular que habitam o universo particular do povo sertanejo. Quando um dos personagens centrais da narrativa, o monge Joaquim, apresenta à nossa pequena heroína, uma biblioteca rodeada de livros e, por conseguinte, o reino encantado e fabuloso da literatura; ela não segue essa aventura sozinha. Vamos de mãos dadas, Ana Laura, o monge, o jumento Campeão e o leitor que, por ventura, lance-se ao desafio de mergulhar na narrativa regionalista. Se aqui, a pequena sertaneja figura como Dom Quixote, vislumbrando gigantes onde só havia moinhos de vento, o leitor também se vê compelido a ser seu fiel escudeiro.

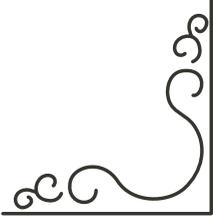
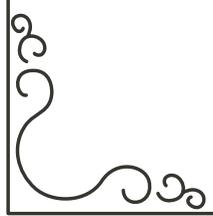
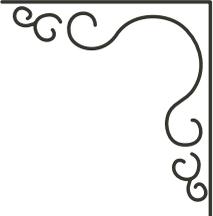
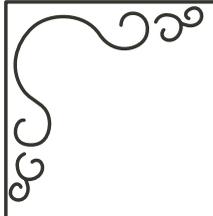
O manuscrito faz alusão a obras clássicas da literatura mundial e contempla um pouco de Filosofia, num contexto ético-literário. Resgatam-se elementos peculiares da cultura sertaneja, bem como, valores humanos essenciais como a amizade e a solidariedade, presentes ao longo das páginas do livro, quando se testemunha a relação de amizade devotada entre Ana Laura e o seu Rocinante, o jumento Campeão. Aos moldes da emblemática personagem da literatura regionalista brasileira, Baleia, de Vidas Secas, de autoria de Graciliano Ramos; encontramos na corrente obra, uma tendência à humanização do jumento. Animal típico da cultura



nordestina e que, na contemporaneidade, foi jogado à margem do esquecimento.

Enquanto o sol teimar em brilhar é uma obra da literatura infanto-juvenil onde se articulam elementos regionalistas, indissociáveis à história do povo nordestino e um resgate à cultura popular local. A autora dedica-se com louvor a compartilhar o repertório sociocultural particular do sertanejo com o leitor, promovendo a função social de recuperar elementos históricos importantes à compreensão e autoconhecimento do Seridó em uma linguagem e narrativa direcionados às novas gerações, que precisam de tal resgate histórico para não deixar que o legado cultural de uma região pereça. Assim, este livro é para o que nasceu: salvar vidas, sendo um lampejo de luz para o leitor, por meio de lições tocantes às relações humanas, à simplicidade como o essencial à felicidade e o resgate da história de um povo. Que o sol teime em brilhar ainda que esteja escuro das nossas janelas.







Ana Santana Batista Farias, nascida em Caicó/RN, servidora pública, graduada em Direito pela UFRN, com especialização em Direito Tributário, carrega em seu peito o amor pelas letras, desde criança, quando já era uma assídua frequentadora de uma pequena biblioteca, circunscrita a sua escola pública. Quanto mais ela ficava rodeada por aquele acervo, mais intenso era o desejo de ali permanecer. Foi então que ela se descobriu no reino fascinante das palavras e estas ali, estáticas, impressas nos livros, balbuciavam com insistência um convite drummondiano: - Trouxeste a chave? No outro dia, sucumbida pela sedução das palavras, a autora já nutria na alma a vontade instigante de se aventurar na escrita e assim desafiar o papel em branco.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte iniciou em 1985 suas atividades editoriais com a publicação da Revista da ETRN, que a partir de 1999 se transformou na Revista Holos, em formato impresso e, posteriormente, eletrônico. Em 2004, foi criada a Diretoria de Pesquisa que fundou, em 2005, a editora do IFRN. A publicação dos primeiros livros da Instituição foi resultado de pesquisas dos professores para auxiliar os estudantes nas diversas disciplinas e cursos.

Buscando consolidar uma política editorial cuja qualidade é prioridade, a Editora do IFRN, na sua função de difusora do conhecimento já contabiliza várias publicações em diversas áreas temáticas.



Enquanto o sol teimar em brilhar é uma obra de literatura regionalista, cujo enredo é protagonizado por uma criança típica do sertão nordestino, chamada Ana Laura. Tal menina, apesar da pouca idade e das intempéries que tanto castigam o povo sertanejo mais carente, faz-se destemida na busca incessante pelo tesouro do conhecimento. O livro articula elementos culturais e filosóficos, indissociáveis à cultura popular local. A autora dedica-se com louvor a compartilhar o repertório sociocultural particular do sertanejo com o leitor, promovendo a função social de recuperar facetas históricas importantes à percepção do Seridó em uma linguagem e narrativa direcionadas às novas gerações, com o intuito de que o legado cultural de toda uma região não pereça. Assim, assegura-se que esta obra é para o que nasceu: iluminar vidas, sendo um lampejo de luz para o leitor, por meio de lições tocantes às relações humanas e à simplicidade como a chave essencial para a felicidade. Que o sol teime em brilhar ainda que esteja escuro das nossas janelas.

IFRN
Editora



ABEU
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA